

Genealogia socioprofissional de uma família de
escultores e organeiros dos sécs. XVIII e XIX: Os
Machados – Contributo para o estudo das Artes e
Ofícios em Portugal

Ana Paula TUDELA

Joaquim Machado de Castro

Ant. Xavier Machado e Silva

Introdução

Recorrendo ao domínio da micro-história, torna-se possível perceber qual a dimensão da influência que as ideias resultantes do debate entre Antigos e Modernos, nos séculos XVII e XVIII, teve entre os artífices portugueses, cujos ofícios ganharam o estatuto de Arte, no decorrer das disputas ideológicas.

A família dos Machados, mais concretamente, Manuel Machado Teixeira e seus filhos, Joaquim Machado de Castro e António Xavier Machado e Cerveira, constitui um caso, que podemos considerar excepcional, do efeito que as novas ideias tiveram nos escultores e organeiros em Portugal.

Trata-se de uma família já conhecida dos historiadores da Arte Portuguesa, mas que não costuma ser abordada como um todo¹. Neste artigo procurarei dar a conhecer o percurso geográfico, as ligações familiares e, por meio desses dados, reflectir sobre a evolução profissional e a ascensão social dos três Machados.

Resenha bibliográfica

A bibliografia existente sobre esta família incide maioritariamente sobre Machado de Castro e Machado e Cerveira, já que o pai, Machado Teixeira, é apenas referido escassa e lateralmente quando se escreve sobre um dos filhos. Mesmo entre os dois filhos de Machado Teixeira, a bibliografia disponível para cada um deles é bastante desigual. Enquanto Machado de Castro nos legou informação escrita pelo seu próprio punho; foi objecto de teses e pequenos estudos sobre a sua actividade profissional² e de outros textos que avançam com uma parte significativa de dados pessoais³, já Machado e

1 Para uma melhor percepção da família no seu conjunto, ver o Anexo I.

2 A título de exemplo vejam-se os textos de FARIA, Miguel Figueira de. “O Ensino das Belas-Artes em Portugal nas vésperas da fundação da Academia: I – A Aula e Laboratório de Escultura de Lisboa (1772-1836)” in *Anais* (Série História), Vol. V/VI, Lisboa, UAL, 2002, pp. 95-139 e *A Escola de Escultura de Machado de Castro*, no prelo; as teses de VALENTE, António José da Silva. *A estátua equestre de D. José I de Machado de Castro, 1775*, [Texto policopiado], Lisboa, s.n., 1998. (Tese mestrado, História da Arte, Univ. Lusíada) e RODRIGUES, Ana Margarida Neto Aurélio Duarte. *A escultura de vulto figurativa do laboratório de Joaquim Machado de Castro (1771-1822): produção, morfologia, iconografia, fontes e significado*, [Texto policopiado], Lisboa, s.n., 2004. (Tese de mestrado, História da Arte, Univ. Nova de Lisboa).

3 Dos quais o mais significativo é o trabalho de LIMA, Henrique de Campos Ferreira. *Joaquim Machado de Castro: escultor conimbricense: notícia biográfica e compilação dos seus escritos dispersos*, Coimbra, 1925.

Cerveira permaneceu um tema praticamente inexplorado, podendo mesmo afirmar-se que continua por estudar.

Como já é habitual nestas matérias, ficamos a dever a Ernesto Vieira e ao seu “dicionário biográfico dos músicos”⁴, a maior parte da informação disponível sobre Machado e Cerveira. A entrada que lhe é dedicada incide sobretudo no conhecimento que se tinha, à época, dos órgãos construídos pelo organeiro, mas veicula algumas ideias que precisam de ser testadas: a ideia da obra em talha ser a parte melhor dos órgãos de Cerveira, o trabalho de entalhador lhe ser atribuído e a data tardia que é avançada para a localização da fábrica no Tesouro Velho.

Da disciplina de Organologia, podemos contar apenas com os textos dedicados aos órgãos de Mafra, de Gerhard Doderer⁵, nos quais são apresentados alguns dados profissionais sobre o organeiro.

A maioria dos restantes textos e pequenos apontamentos não contém mais do que ecos do dicionário de Vieira. Temos, contudo, que particularizar três artigos: um de Soares da Graça, datado de 1940, inserto no periódico “Arquivo do Distrito de Aveiro”⁶, que, apesar de pouco referir Machado e Cerveira, transcreve o seu assento de baptismo e o assento de casamento dos seus pais⁷, assinalando que é o terceiro casamento de Machado Teixeira e não o segundo⁸, como tradicionalmente se acreditava, e faz um esforço para explicar a relação entre Cerveiras e Castilhos e entre estes e Machado de Castro⁹.

O segundo é o texto de uma das comunicações apresentadas em 1994 pelo mestre organeiro Dinarte Machado, no I Congresso Internacional de Órgãos Históricos Portugueses, que apresenta um conjunto de órgãos dos Açores como sendo representativo de uma técnica original portuguesa iniciada

4 “Machado e Cerveira (Antonio Xavier)” in VIEIRA, Ernesto. *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes – Historia e Bibliographia da Musica em Portugal*, Lisboa, Lambertini, 1900, Vol. II, pp. 52-55.

5 Veja-se o estudo mais recente do autor sobre esta matéria: DODERER, Gerhard. «Subsidios novos para a História dos órgãos da Basílica de Mafra» in *Revista Portuguesa de Musicologia*, n.º 12, Lisboa, 2002, pp. 87-127.

6 GRAÇA, Soares da. “Machado de Castro em Aguim”, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, N.º 23 (Setembro de 1940), pp. 161-176. Este artigo serviu, em grande parte, de base aos artigos de GODINHO, Rui. “Machado de Castro e Aguim” e de ROSMANINHO, Nuno. “António Xavier Machado e Cerveira (1756-1828), Organeiro”, in *Aqua Nativa*, Anadia, N.º 6 (Julho de 1994), pp. 44-50 e 54-56, respectivamente.

7 GRAÇA, Soares da, Op. cit., p. 176.

8 Idem, pp. 163-164.

9 Cf. Anexo I.

no último quartel do século XVIII¹⁰. Neste texto são expostos argumentos de cariz técnico e musical que explicam a originalidade dos órgãos construídos por António Xavier Machado e Cerveira e pelo seu contemporâneo Joaquim António Peres Fontanes.

O autor começa por explicar que, tal como nos outros países, a construção dos órgãos evoluiu para modelos adaptados às necessidades de cada época. Portugal também encontrou as suas próprias soluções, geradas pelo engenho dos artistas locais. A ideia defendida por Dinarte é enunciada assim: «São estes dois Organeiros (...) os principais responsáveis de uma forma de construção regionalizada e adaptada às necessidades da época, isto é, continuando a tratar-se do Órgão Ibérico, são aplicados mecanismos que permitem a liberdade ao organista de anular ou acrescentar rapidamente determinados registos que tornam independente o órgão principal da secção dos cheios, ou seja, separam os cheios da secção dos registos de base do instrumento¹¹».

Segundo o autor, a criação destes órgãos derivou da própria especificidade da prática musical das igrejas portuguesas nessa época: o organista ou começava por tocar o tema que seria verbalizado de seguida pelas vozes do coro, ou fazia soar alguns registos de carácter solista que iriam dar o tom aos coristas, ou recitava mesmo a própria melodia. A esta prática musical correspondem os órgãos criados por Cerveira e por Fontanes, que terão sido construídos para poderem desempenhar simultaneamente o papel de solistas e de acompanhantes.

Dinarte Machado segue explicando que este novo mecanismo consiste na introdução de pedais, ou anuladores, movimentados com o pé, que accionam registos pré-seleccionados pelo organista e lhe permitem movimentar-se à sua vontade entre a posição de solista e a posição de acompanhamento às vozes, sem tirar as mãos do teclado.

Sendo Cerveira um dos dois construtores que originaram a especificidade portuguesa, foi ele próprio único. Dinarte explica que enquanto Joaquim Fontanes desenvolveu os mecanismos no sentido da modernidade, tornando os seus instrumentos muito bons para as composições do seu tempo mas desadequados para as composições musicais antigas, Machado e Cerveira

10 MACHADO, Dinarte (mestre organeiro). *Órgãos Ibéricos nos Açores e suas características gerais*, Mafra, 1 de Dezembro de 1994. Texto cedido pelo autor, ainda no prelo, que se destina às actas do congresso.

11 Idem.

criou instrumentos que simultaneamente serviam as necessidades modernas e permitiam a execução das peças antigas. Segundo Dinarte, enquanto os pedais introduzidos por Fontanes anulavam os registos agudos e os registos médios, a invenção de Cerveira anulava apenas os agudos.

Machado e Cerveira terá feito evoluir o sistema mecânico de forma a poder alargar a sua utilização, introduzindo um segundo mecanismo para anular também um conjunto de registos de palheta de chamada (tubos horizontais) e ainda um terceiro mecanismo para anular dois ou mais registos no interior do órgão, fazendo deste uma espécie de órgão de eco ao principal, sonoridade muito apreciada na época.

O autor refere que existem ainda outros aspectos na construção de Machado Cerveira que fundamentam a existência de uma escola de organaria portuguesa. Nomeadamente, a planificação muito própria dos cheios e das címbalas até às recímbalas; e outros muito mais originais, chamados registos compostos: composta de vintedozena, composta de dezanovena e vigésima segunda, composta de dozena, composta de oitava real e quinzena. Estes registos eram sempre de três, quatro e mais filas (vozes), enquanto que as escolas dos outros países mantinham estes harmónicos separados (harmónicos simples), em registos de uma só fila, nomeadamente, a oitava real, a quinzena, a dozena, a dezanovena e outros.

Machado e Cerveira ter-se-á ainda destacado porque acompanhou, como construtor, a própria evolução da composição musical para órgão. O autor do texto atribui-lhe três fases distintas de construção que se reconhecem pela extensão do teclado, por aspectos da mecânica, pelas medidas dos tubos, pela planificação tonal de cada instrumento, assim como outros pequenos aspectos que separam, de forma clara, cada uma das fases.

Dinarte chama a atenção para a existência de catorze órgãos da autoria de Machado e Cerveira nos Açores, abrangendo instrumentos construídos entre 1788 e 1829¹², ou seja, representativos de praticamente todas as fases de construção deste organeiro. Segundo o autor, a falta, desde longa data nos Açores, de um técnico habilitado que fizesse a manutenção dos órgãos teve o seu lado positivo, porque permitiu que muitos destes instrumentos conservem ainda grande parte das suas características originais, tornando mais fácil o estudo do trabalho de Machado e Cerveira e dos restantes construtores. Dinarte

12 Machado e Cerveira faleceu em 1828 mas a viúva dirigiu a conclusão dos trabalhos iniciados pelo marido.

comunica que esse estudo, que é fundamental para que se possa fazer uma protecção adequada do património, está em curso há mais de duas décadas¹³.

O terceiro texto, da autoria do mestre organeiro António Simões, é a comunicação apresentada no V Encontro Musicológico, em 29 de Setembro de 1995, e publicado na revista digital *Ars Lusitana Organi*¹⁴. O autor procura dar a conhecer a actividade dos Machados no domínio da organaria e subscreve a ideia exposta por Dinarte Machado no Congresso de 1994, explicando a relevância de Machado e Cerveira enquanto organeiro e qual o seu papel na diferenciação da organaria portuguesa dentro do contexto ibérico, papel que, segundo o autor, coloca este construtor de órgãos ao nível do seu irmão, o escultor Machado de Castro, na História da Arte Portuguesa.

Este é um dos raros textos em que, a par da reflexão sobre o organeiro Cerveira, é ensaiada a compreensão acerca do pai dos Machados: as influências que terá tido e as obras a que terá estado ligado. Temos, contudo, que avaliar esta informação com reservas porque o suporte factual é bastante inconsistente.

Enquanto organeiro e reparador de órgãos, António Simões observou muitos dos instrumentos antigos dos vários construtores estrangeiros e portugueses que trabalharam em Portugal. O resultado dessas observações é apresentado pelo autor neste artigo como meio de argumentação para validar as afirmações que faz sobre Manuel Machado Teixeira, mas que, em certa medida falham por falta de elementos biográficos sólidos. A título de exemplo, António Simões coloca Machado Teixeira a viver em Braga no início da sua vida profissional e a conviver com o escultor Marceliano de Araújo e com o organeiro Frei Simão Fontanes, artistas que executaram os órgãos da Sé de Braga, entre 1737 e 1739¹⁵. Na realidade, Machado Teixeira partiu de Braga para Coimbra, por volta de 1720, onde residia nas datas referidas, como demonstrarei mais adiante.

13 De salientar que Dinarte Machado foi quem conseguiu demonstrar pela primeira vez que, tecnicamente, existem diferenças entre os órgãos espanhóis e portugueses, a partir do último quartel do séc. XVIII. Desde então começou a ser tida em conta, nas abordagens de restauro, a existência de um instrumento próprio de construção portuguesa, embora a sua estrutura de base se identifique com a tradição designada por organaria ibérica.

14 SIMÕES, António (mestre organeiro). “António Xavier Machado e Cerveira e a sua influência na organaria portuguesa, da 2.ª metade de século XVIII” in *Ars Lusitana Organo* (Dezembro de 1996). Revista digital alojada no site da APAO (Associação Portuguesa dos Amigos do Órgão): <http://www.apao.web.pt/noticias/revistas.htm> (Consulta efectuada em 27 de Abril de 2007).

15 Idem, p.16.

Mestre Simões chama ainda à atenção para a existência de órgãos construídos por Machado e Cerveira além fronteiras, nomeadamente em Espanha (Badajoz) e na Igreja do Carmo, em Belém, no Brasil. Relativamente ao Brasil, o autor alerta para o mau estado do instrumento e o perigo deste património se perder se não forem tomadas medidas a curto prazo.

A exposição de António Simões sobre Machado e Cerveira termina com a análise do órgão do Lorvão, que o autor considera a obra mais importante daquele organeiro.

Tratando-se de um caso de exceção nas artes da escultura e da organaria em Portugal nos séculos XVIII e XIX, o próprio volume de informação sobre cada um dos Machados é demonstrativo da pouca atenção que o estudo destas artes, sobretudo da organaria, tem merecido entre os historiadores.

Braga: as origens

Manuel Machado Teixeira nasceu na Rua dos Cónegos, da freguesia da Sé, da cidade de Braga, em 22 de Junho de 1711¹⁶. Os seus pais, Gonçalo Teixeira e Mariana Machada, exerciam ofícios mecânicos: o pai era alfaiate e a mãe caseadeira de vestidos¹⁷.

Machado Teixeira residiu em Braga apenas durante a infância, como podemos inferir dos testemunhos contidos no processo de habilitação à Ordem de Cristo de Joaquim Machado de Castro, que são unânimes neste ponto. A título de exemplo, vejamos o que afirmou um dos inqueridos:

«Domingos Barbosa de Brito relojoeiro (...) quanto ao pay do justife dice q.º o conheceo rapas nesta Cid.e sem exercer Oficio algum vill ou

16 Cf. Anexo II, doc. 1.

17 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14 (Joaquim Machado de Castro). Este documento encontra-se transcrito integralmente na dissertação de Mestrado *A escultura de vulto figurativa do Laboratório de Joaquim Machado de Castro (1771-1822): produção, morfologia, iconografia, fontes e significado*, apresentada por Ana Duarte RODRIGUES à FCSH/UNL, em 2004. A propósito da profissão da mãe de Manuel Machado Teixeira, convém esclarecer que era «caziadeira de vestidos», ou seja, fazia as casas para os botões das roupas e não «coziadeira de vestidos» como consta na transcrição que Ana Duarte Rodrigues fez na tese de Mestrado, em 2004, erro que repete no artigo “O homem por detrás da obra: Machado de Castro (1731-1822)” in *Artis*, Revista do IHA/FLL, N.º 4, 2005, p. 341.

mecânico, e q.' o q.' fazia era ir a Eschola apreender a ler e escrever
atê q.' foi p.^a a Cid.e de Coimbra (...)»¹⁸.

Não parecem restar dúvidas de que Manuel Machado Teixeira deixou Braga e a casa paterna entre os 10 e os 12 anos, idade com que os mestres aceitavam os rapazes para iniciarem a aprendizagem oficial.

Ida para Coimbra

Se pensarmos que a terra natal de Machado Teixeira, Braga, foi um centro artístico importante na época, promovido pela Sé¹⁹, a mais antiga escola episcopal portuguesa, com Cabido organizado pelo menos desde 1071²⁰, a vinda deste para Coimbra, em tenra idade, indica-nos a possibilidade da existência de relação directa entre a família, ou pessoas próximas da família, e o mestre ou a instituição que o acolheu. Tendo em conta que o Bispado de Coimbra era dependente do Arcebispado de Braga, Manuel poderá ter tido apoio clerical para aprender o ofício em Coimbra, até porque nas relações da família existiam pessoas do clero, nomeadamente o padrinho de baptismo do próprio, um padre chamado José Vieira.

Quanto às razões que levaram o pai de Manuel, mestre alfaiate, a proporcionar ao filho a aprendizagem numa profissão diferente, talvez Machado Teixeira tenha sido um filho mais novo.

Coimbra: centro de formação artística

Machado Teixeira chegou a Coimbra “ainda rapaz”, no início da década de 1720. Aí terá iniciado a aprendizagem das profissões que veio a praticar: santeiro e organeiro. Não foi ainda possível apurar com quem aprendeu,

18 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14. Cf. os inquéritos da cidade de Braga, fl. 7v.

19 Note-se que entre 1704 e 1728, data que cobre a idade de aprendizagem de Manuel Machado Teixeira, a igreja da Sé foi mandada reformar pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Veja-se OLIVEIRA, Eduardo Pires de. “A Sé de Braga e Dom Rodrigo de Moura Teles (1704 - 1728)” in *Struggle for Synthesis, A Obra de Arte Total nos séculos XVII e XVIII* – Simpósio Internacional, Actas, Vol. 1, Lisboa, 1998, pp. 239 a 252.

20 ALEGRIA, José Augusto. *O ensino e prática da música nas Sés de Portugal (da Reconquista aos fins do século XVI)* – Coleção Biblioteca Breve, N.º 101 - Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações/Ministério da Educação, 1985, pp. 35-47.

contudo, podemos fazer um escrutínio à cidade de Coimbra nesta época, para averiguar quais os centros artísticos existentes e quem eram os artistas a operar nestas artes, para tentar levantar pistas de reflexão.

A Sé, a Universidade e alguns mosteiros existentes na região de Coimbra funcionaram como verdadeiros centros de formação e estimulação do trabalho artístico. Entre os mosteiros mais importantes, destacam-se o de Santa Cruz e o de Santa Clara-a-Nova.

Quanto aos artistas santeiros ou imaginários, sabemos que Coimbra foi um dos centros com tradição na produção de imaginária religiosa²¹, contudo, os dados para os mestres do início do século XVIII são escassos. Além disso, será preciso estudar a obra de Manuel Machado Teixeira, ainda desconhecida, para compreender as influências.

No que diz respeito à organaria, temos que ter em conta dois factores importantes: a prática musical, geradora da necessidade de instrumentos musicais, e a construção dos instrumentos propriamente dita.

Relativamente à prática musical em Coimbra, embora seja uma actividade generalizada nos templos, em especial nas Sés, temos que destacar os monges crúzios, que se dedicavam à prática e à composição musical, tendo sido também mestres construtores de instrumentos de tecla desde longa data e garantidamente transmissores de conhecimento a alguns artífices locais²².

Para o caso específico da construção de órgãos, a presença de jesuítas e beneditinos²³ nesta cidade significa, pelo menos, a existência de informação relativa a esta arte. A par desta conjuntura, temos indicações, claras para a primeira metade do século XVIII, de uma forte presença na cidade de Coimbra de construtores vindos de outras paragens.

21 Cf. CARVALHO, Maria João Vilhena de. “Escultura. I. Até ao Manuelino” in AZEVEDO, Carlos Moreira. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Lisboa, Circulo de Leitores, 2000, pp. 162-165 e SOALHEIRO, João. “Escultura. II. Do manuelino ao romantismo” in AZEVEDO, Carlos Moreira. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 4 (Apêndices), Lisboa, Circulo de Leitores, 2001, pp. 370-382. Veja-se ainda, CHAVES, Luís. *Os Barristas Portugueses (nas escolas e no povo)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

22 Vejam-se os artigos publicados por Brito REBELO (continuador do trabalho iniciado por Sousa VITERBO), “Curiosidades Musicais - Constructores de instrumentos: D. Jeronimo dos Anjos e D. Baptista de S. João, frades cruzios” in LAMBERTINI, Michel’angelo. *A Arte Musical*, 2.ª Serie, II, (Lisboa, 30 de Abril de 1915), p. 34-36 e a obra de PINHO, Ernesto Gonçalves de. *Santa Cruz de Coimbra: Centro de Actividade Musical nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa FCG, 1981.

23 Sobre este assunto veja-se LESSA, Elisa Maria Maia da Silva. *Os mosteiros beneditinos portugueses: séculos XVII a XIX : centros de ensino e prática musical* [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 1998. (Tese dout. Ciências Musicais, Univ. Nova de Lisboa)

Assim, entre 1719 e 1726, o organeiro espanhol Padre Manuel Benito Gomes de Herrera trabalhou na renovação do órgão quincentista de Santa Cruz. No mesmo mosteiro, em 1731, trabalhou ainda o arquitecto, construtor e entalhador Gaspar Ferreira. Entre 1722 e 1723, Calixto de Barros Pereira, organeiro minhoto, natural de Monção, fez o órgão da Sé (hoje no edifício da Sé Nova). Entre 1732 e 1733, o mesmo organeiro espanhol acima referido e o entalhador e pintor conimbricense Gabriel Ferreira da Cunha executaram o órgão da Capela de S. Miguel, da Universidade de Coimbra. Em 1748, Teodósio Hensberg construiu o órgão de Santa Clara-a-Nova²⁴.

Relativamente à segunda metade do século XVIII, a presença na região do organeiro galego João Fontanes de Maqueira também não terá passado despercebida a Machado Teixeira. São da autoria do construtor galego os órgãos feitos para a Misericórdia de Aveiro, datado de c. de 1759, e para o Seminário Maior de Coimbra, datado de 1762.

Se pensarmos que a aprendizagem de Machado Teixeira ocorreu aproximadamente entre 1720 e 1726, é plausível pensar que nalgumas daquelas datas já trabalhasse por conta própria e que tenha estado em contacto com a obra daqueles mestres organeiros. Ainda que não tivesse tido contacto com os construtores, teve contacto com os instrumentos quando foi chamado a consertá-los.

Quer Machado Teixeira se tenha dedicado inicialmente só à construção das caixas dos órgãos, quer se tenha iniciado desde o primeiro momento nos mecanismos, estas são pistas que merecem ser exploradas em investigações futuras.

24 Cf. as fichas de inventário com os seguintes N.os de IPA: PT020603170004 (Santa Cruz), PT020603250001 (Sé Nova), PT020603250014 (Paço da Universidade) e PT020603160003 (Santa Clara-a-Nova), no site da DGEMN <http://www.monumentos.pt> (consulta efectuada em 30 de Abril de 2007). Para o contrato assinado por Calixto de Barros Pereira com a Sé, veja-se GARCIA, Prudêncio Quintino. *Documentos para as Biografias dos Artistas de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, pp. 318-230.

O primeiro casamento de Machado Teixeira e o nascimento do filho primogénito, Joaquim Machado de Castro

Manuel Machado Teixeira tinha apenas dezanove anos quando casou, em 4 de Outubro de 1730, na Sé de Coimbra²⁵, com Teresa Angélica de Castro, de trinta anos de idade.

Teresa nascera e fora baptizada em Coimbra, na freguesia da Sé, em 19 de Setembro de 1700²⁶, e era filha de Francisco Rodrigues, sapateiro, natural da freguesia de Santa Cruz, também de Coimbra, e de Mariana dos Santos Taborda, sem profissão, natural de Arzila, freguesia dos arredores da mesma cidade, no campo.

Machado Teixeira, que em solteiro já residia na freguesia da Sé, ficou a morar em casa dos sogros, na Rua de Sub Ripas, perto do Largo da Sé Velha, como nos indica o testemunho do livreiro José Gaspar Ferreira, em 1775, que afirma conhecer bem Machado de Castro, que «he filho de Manoel Machado Teixeira, e Thereza Angelica; e Neto materno de Francisco Rodrigues, e Mariana dos Santos Taborda, os quais todos ele testemunha conhecera moradores na dita Rua de Sobriplas nas mesmas cazas em q'ue nasceo o Justeficante [Joaquim Machado de Castro] (...)»²⁷.

Aproximadamente nove meses após o casamento, a 19 de Junho de 1731²⁸, nasceu, na casa da Rua de Sub Ripas, Joaquim Machado de Castro, que foi baptizado a 27 do mesmo mês e ano²⁹.

A infância de Machado de Castro terá sido idêntica à de tantas outras crianças da sua origem social: aprendeu a ler e a escrever no pátio dos Jesuítas e, por volta dos 10 anos, terá começado a aprender a profissão com o pai. A passagem da aprendizagem escolar para a aprendizagem oficial foi, contudo,

25 Cf. Anexo II, doc. 2.

26 AUC – REGISTOS PAROQUIAIS, Coimbra, Sé Nova (fundo da), Baptismos, Livro 2, fl. 63.

27 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. 3v. (inquéritos de Coimbra). Sublinhados da autora.

28 Data referida no retrato litografado, em 1843, por João Maria Caggiani, editado por Pedro Antonio José dos Santos, que foi publicado numa colecção intitulada *Retratos dos Homens illustres, que por sciencia, politica e artes sobresahiram em Portugal no seculo XIX*. O assento paroquial apenas refere o dia do baptismo.

29 Este assento encontra-se transcrito na obra de Henrique de Campos Ferreira Lima, *Joaquim Machado de Castro, Escultor conimbricense – noticia biográfica e compilação dos seus escritos dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, p.VI, mas faltam-lhe as observações acrescentadas em 1821, a propósito de um pedido de certidão, e por esse motivo vai transcrito no final deste artigo, no Anexo II, doc. 3.

marcada por um acontecimento dramático: a morte da sua mãe. A 6 de Abril de 1741 morreu Teresa Angélica de Castro³⁰, pouco antes de Machado de Castro completar os 10 anos.

Os Machados em Coimbra: faziam santos e outras coisas curiosas

Em 23 de Janeiro de 1742, após um breve período de viuvez, Manuel Machado Teixeira casou em segundas núpcias com Teresa Angélica Rosa Cerveira³¹. Esta data coincide com o período em que Joaquim Machado de Castro terá iniciado a aprendizagem profissional. Aprendiz do pai, Machado de Castro iniciou-se nas artes por ele praticadas, ou seja, fazer imagens e reparar órgãos, sendo esta última actividade designada por alguns conimbricenses seus contemporâneos como «outras coisas curiosas» ou «manufacturas de curiosidade³²».

Talvez por exercer profissões com um baixo número de artistas activos e por residir numa cidade do interior, Machado Teixeira pôde praticar várias actividades em simultâneo sem que isso gerasse conflitos corporativos. O impedimento, consagrado nas Posturas da Câmara de Lisboa e nos regimentos dos vários ofícios da mesma cidade, da mesma pessoa ter duas profissões talvez não fizesse sentido num meio mais pequeno, porque punha em causa a sobrevivência dos artesãos e o funcionamento da vida local³³.

30 AUC – REGISTOS PAROQUIAIS, Coimbra, Sé Nova (fundo da) – Óbitos, Livro 3, fl. 183.

31 Cf. Anexo II, doc. 4.

32 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14 (inquéritos de Coimbra). Esta designação é elucidativa da pouca vulgaridade desta profissão em Portugal. Apenas um número muito reduzido de artífices nacionais dominava os segredos da construção de órgãos. Trata-se de uma realidade que as fontes denunciam desde o século XVI e que se manteve até ao período da decadência desta indústria, na primeira metade do século XIX.

33 Sobre este assunto veja-se PEREIRA, Miriam Halpern. *A Crise do Antigo Regime e as Cortes Constituintes de 1821-1822 - Negociantes, Fabricantes e Artesãos, Entre Velhas e Novas Instituições*, Vol. 2, CEHCP/ISCTE, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, 1992, p. 438, em que o documento transcrito, datado de 1821, é um parecer do Síndico, em resposta a uma informação do Escrivão da Câmara de Lisboa, relacionado com a possibilidade da extinção da Casa dos 24. Reflectindo acerca da pertinência, ou não, dessa extinção, o Síndico apresenta algumas razões que poderiam justificar a manutenção das corporações nas grandes cidades e completa o raciocínio explicando que se refere às grandes cidades por «(...) não haver necessidade de semelhantes restrições da liberdade da indústria nas pequenas vilas, onde muitas vezes é necessário que um hábil serralheiro conserte, por exemplo, o relógio da Câmara; e menos ainda nas aldeias, onde, também por necessidade o mesmo abegão, que faz os arados, é quem conserta as carretas, e lavra as portas das cabanas (...)). Embora se trate de um relato tardio, as reflexões remetem para uma

A fase de aprendizagem de Machado de Castro na oficina familiar, em circunstâncias normais, teria durado seis anos, ou seja, entre cerca de 1742 e 1748, contudo, a tradição coloca-o em Lisboa entre 1746 e 1747, fugindo ao desafecto da madrastra.

Tenha vindo para Lisboa em 1746 ou só em 1748, Machado de Castro estava em Coimbra no período em que decorreu uma grande campanha de obras no mosteiro de Santa Clara-a-Nova, assumidas pela Fazenda, que inicialmente foram dirigidas por Custódio Vieira e, por morte deste em 1744, continuadas por Carlos Mardel. As grandes campanhas de obras eram momentos de afluência à cidade dos melhores mestres nas várias artes e uma oportunidade para os artistas locais observarem novas técnicas e expandirem os horizontes estéticos e metodológicos.

Joaquim Machado de Castro: entre Coimbra e Lisboa (1746-1756)

Não se pretende questionar se Machado de Castro teve uma adolescência sofrida; não espanta que tenha decidido sair ainda jovem da esfera familiar, se de facto a madrastra tiver sido uma pessoa pouco afectuosa. Mas, se colocarmos o assunto em perspectiva, temos que ter em conta que, quando a mãe morreu, Machado de Castro tinha apenas 10 anos e que, de repente, vê toda a sua vida mudar com o novo casamento do pai e o início dos rigores da aprendizagem oficial.

Contudo, temos que questionar as motivações que o trouxeram a Lisboa e questionar se, vindo por volta de 1746, terá ficado definitivamente por cá.

Os depoimentos dos inquiridos para o processo de habilitação à Ordem de Cristo do próprio escultor indicam-nos que este viveu em Coimbra em casa do pai e que voltou a Coimbra para viver por sua conta. Uma das testemunhas, António da Silva Borges, mestre serigueiro «(...) dice que o Justificante em quanto assestio nesta Cidade em caza de seo Pay, e depois que tornou a voltar para esta Cidade, assestindo perto da Igreja da Se Velha trabalhava em fazer imagens de Santos, ou outras quaisquer que lhe encomendavaõ, recebendo

realidade mais antiga, mas ainda praticada. Se bem que Coimbra não fosse uma pequena vila, as profissões exercidas pelos Machados eram exercidas por um número reduzido de indivíduos.

por elas dinheiro, assim como taobem por outras obras curiosas que fazia (...)³⁴»

Este regresso a Coimbra e a referência a que, para além de santos e outras figuras, fazia «outras obras curiosas», indica-nos que o inquirido se está a referir a uma data anterior ao estabelecimento de Machado de Castro em Mafra, em 1756. A razão porque faço esta afirmação prende-se com as “coisas curiosas” que já o seu pai fazia e que são as reparações de órgãos. Não temos indícios de que Machado de Castro se tenha continuado a dedicar à reparação de órgãos a partir do momento que se envolveu com a actividade de escultor em Mafra. O próprio artista não deixou pistas sobre isso.

Recapitulando, aceitando por verdadeiras as afirmações que colocam Machado de Castro por volta de 1746 em Lisboa, na oficina de Nicolau Pinto, seguindo-se o ateliê de José de Almeida e a escola de Mafra, temos, no entanto, que considerar a hipótese do escultor ter voltado a Coimbra entre um e outro mestre ou antes da ida definitiva para Mafra.

Temos também que considerar a hipótese de Machado de Castro não ter vindo tão cedo como se pensa para Lisboa e ter vivido em Coimbra, estabelecido por conta própria, entre os finais da década de 1740 e o início da década de 1750.

Quanto às motivações que o fizeram aproximar de Lisboa, provavelmente, a par do desconforto familiar que efectivamente poderá ter sido marcante, a sua natureza curiosa e o desejo de se especializar e de aprender com os grandes mestres escultores terá com certeza tido algum peso na resolução de se aproximar do local onde as grandes obras estavam a acontecer, ou seja, da Corte e de Mafra.

O terceiro casamento de Machado Teixeira: nascimento de António Xavier Machado e Cerveira

Machado Teixeira terá saído de Coimbra entre finais da década de 1740 e o início da de 1750. Não sabemos ao certo se Machado de Castro ainda acompanhou o pai quando este saiu de Coimbra ou se esta mudança ocorreu após a sua primeira incursão a Lisboa.

34 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. 3-3v. (inquéritos de Coimbra). Sublinhados da autora.

A data da morte da segunda esposa de Machado Teixeira, Teresa Cerveira, poderia ajudar a esclarecer este ponto, mas o assento de óbito ainda não foi localizado. Sabemos que não faleceu na freguesia da Sé, em Coimbra. Talvez se tenham mudado para a Vacariça, terra natal daquela, ou directamente para Aguim³⁵, onde moravam muitos dos seus parentes, os Cerveiras. O que sabemos com exactidão é que Machado Teixeira enviuvou pela segunda vez e que, em 6 de Outubro de 1754, está em Aguim a casar pela terceira vez³⁶, com Josefa Luísa Cerveira, uma parente da anterior esposa.

Deste casamento nasceram dois filhos: Francisco, em Agosto de 1755³⁷, e António, em 1 de Setembro de 1756³⁸. Francisco seguirá a carreira militar no Brasil e talvez a de escultor ou entalhador numa primeira fase³⁹, e António tornar-se-á num organeiro de sucesso, com fábrica em Lisboa.

Quando o futuro organeiro nasceu, estava o seu meio-irmão, Machado de Castro, a ingressar na Obra de Mafra como assistente de Alexandre Giusti.

Os casamentos de Joaquim Machado de Castro e as moradas em Lisboa depois de Mafra (1772-1822)

Joaquim Machado de Castro casou três vezes, contudo, não foi ainda possível apurar onde e quando se realizaram os dois primeiros casamentos⁴⁰.

Quando entrou para a Obra de Mafra, em 1756, o escultor tinha 25 anos de idade. Portanto, o primeiro casamento, com Isidora Teresa de Jesus e Silva, deve ter acontecido no período de transição de Coimbra para Mafra ou durante a sua estadia neste lugar, que depois se prolongou até 1770.

35 Sobre Aguim, veja-se a revista *Aqua Nativa*, Anadia, N.º 6 (Julho de 1994), que contém diversos artigos sobre as origens, arte e tradição local.

36 Assento de casamento publicado em Soares da GRAÇA, op. cit. p. 176. Para facilitar o acesso ao conjunto da informação, vai transcrito no Anexo II, doc. 5.

37 GRAÇA, Soares da. “Machado de Castro em Aguim”, in Arquivo do Distrito de Aveiro, N.º 23 (Setembro de 1940), p. 165.

38 Cf. Anexo II, doc. 6.

39 A pista relativa à possibilidade de Francisco Cerveira ser o escultor que fez as caixas dos órgãos construídos por António Cerveira, pelo menos até à partida daquele para o Brasil, foi-me comunicada pelo mestre organeiro Dinarte Machado, que terá em seu poder documentação a prová-lo. Infelizmente a consulta dessa documentação, que diz respeito aos Açores, já não é possível ser feita nos prazos deste artigo.

40 A procura efectuada até este momento incidiu sobre a freguesia da Sé de Coimbra, sobre Mafra e sobre 17 das 46 freguesias de Lisboa que têm assentos deste período: sem resultados.

Quanto ao segundo casamento, com Rosa Maria Joaquina, terá ocorrido na transição de Mafra para Lisboa. Após a sua chegada à capital do reino, o percurso do escultor está bem documentado.

Vejamos quais foram os locais da cidade em que residiu entre 1772 e 1822.



Fig. 1

Mapa de Lisboa assinalando os locais de residência de Joaquim Machado.

Entre 1772 e 1777 encontramos Machado de Castro em Lisboa, na freguesia da Madalena⁴¹, casado com a segunda esposa, Rosa Maria Joaquina.

Em 1772 a morada do escultor é referida, nos livros da décima (imposto sobre rendimentos), na Rua direita da Madalena, N.º 6, 3.º andar, nas casas de João Gonçalves da Silva (hoje N.os 40-46). Em 1774 muda-se para o 1.º andar do N.º 8 da mesma rua, casas de D. José de Meneses, conde da Caparica e marquês de Valada (hoje N.os 48-52)⁴².

41 AHTC – Décima da Cidade, Freguesia da Madalena (1772-1777), DC 704-706 AR.

42 CML / SERVIÇO DE TOPONÍMIA – Livro da *Antiga numeração do Bairro do Rossio* [1859], Fl. 56v.-57 e fichas actuais dos Arruamentos. Até 1859 os números de porta, ou de polícia, eram atribuídos de forma crescente e seguida. Só a partir desta data se organiza a numeração separando-se os números ímpares dos pares e fazendo-os corresponder a cada um dos lados dos arruamentos. Esta medida foi aplicada na sequência de um edital do Governo Civil de Lisboa de 1 de Setembro de 1859.

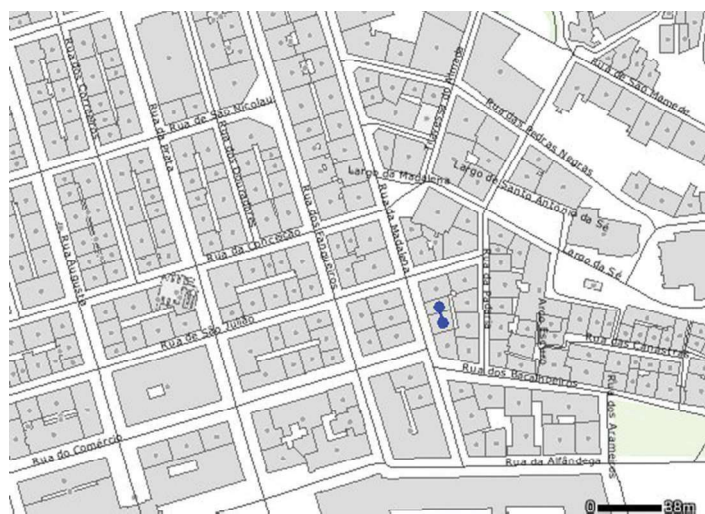


Fig. 2

Mapa de pormenor assinalando os locais onde residiu Joaquim Machado de Castro na Rua da Madalena (Hoje N.os 40-46 e 48-52).

O período de residência na Rua da Madalena é coincidente com um momento de grande glória profissional do escultor – a realização e inauguração da estátua equestre de D. Jose I, em 1775 –, mas também com mais um momento dramático da sua vida pessoal – a morte da segunda esposa, em 1776⁴³. Viúvo pela segunda vez, Machado de Castro ainda reside na Rua da Madalena por mais um ano, abandonando a casa no segundo semestre de 1777⁴⁴.

Entre Junho de 1777 e final de 1778 não foi possível apurar onde esteve. Em 13 de Abril de 1779 voltamos a detectá-lo através dos dados contidos no assento do terceiro casamento⁴⁵, que apresenta Machado de Castro a morar na Ladeira da Encarnação⁴⁶.

A cerimónia do terceiro casamento de Joaquim Machado de Castro, que se realizou na ermida do marquês de Marialva, em Marvila, é ilustrativa da aceitação social alcançada pelo escultor. As testemunhas do enlace foram o

43 Cf. Anexo II, doc. 7.

44 AHTC – Décima da Cidade, Freguesia da Madalena (1777), DC 706 AR, fl. 12.

45 Cf. Anexo II, doc. 8.

46 Esta designação é um tanto vaga. Temos a Travessa da Encarnação na freguesia de Santa Justa e na freguesia da Pena, junto ao antigo convento da Encarnação. Talvez a travessa também fosse conhecida por ladeira, dada a sua inclinação, mas é uma informação que precisa de ser corroborada.

Nesta morada nasceram os quatro filhos do escultor, que só voltará a mudar de residência entre o final de 1790 e o princípio de 1791⁵².

Na Páscoa de 1791 já se encontra a morar na Rua do Tesouro Velho (actual Rua António Maria Cardoso)⁵³, numa parte reconstruída a partir das ruínas do palácio da Casa de Bragança, antigos paços ducais⁵⁴, cuja entrada se situava junto ao Pátio das Cocheiras, aproximadamente no local onde hoje se encontram os N.os 2 a 16⁵⁵.



Fig. 4

Mapa de pormenor assinalando o local de residência dos irmãos Machados, na antiga Rua do Tesouro Velho, no Palácio do Duque de Bragança (Hoje Rua António Maria Cardoso, N.os 2-16).

52 Idem, (1791) DC 442, fl. 68. Neste ano a casa ainda é registada como propriedade de Joaquim Machado de Castro, mas já se encontra devoluta.

53 AHBM – Livro das Desobrigas da Freguesia dos Mártires, ano de 1791, fl. 36.

54 Para melhor compreender a evolução do local veja-se SILVA, A. Vieira da. *Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa (reconstituição topográfica dum trecho da Lisboa desaparecida)*, Lisboa 1942 (Separata da revista «Olisipo», N.os 20 e 21).

55 CML / SERVIÇO DE TOponímIA – Livro da *Antiga numeração do Bairro do Rossio* [1859], Fl. 319v.-320 e fichas actuais dos Arruamentos (Caixas dos salvados do incêndio de 1988). Em 1859, a Câmara de Lisboa ainda situava a entrada do palácio na Rua do Tesouro Velho e descrevia o que restava do edifício como prédio que tornejava para as ruas do Ferragial de Cima (hoje Rua Vítor Cordon) e do Duque de Bragança (hoje Rua dos Duques de Bragança).

Machado de Castro: mais uma vez em Coimbra

Recuando um pouco, até meados da década de 1770, percebemos que Machado de Castro terá voltado a permanecer por algum tempo em Coimbra muito perto de 1775, mais uma vez por meio das informações de um dos inquiridos para a habilitação à Ordem de Cristo. José Gaspar Ferreira, livreiro, natural e morador da freguesia da Sé da Cidade de Coimbra, declarou ter «(...) bom conhecimento do Justificante Joaquim Machado de Castro, não so do tempo em que ultimamente veio assestir para esta Cidade, mas ainda do tempo em que vivia na Companhia de seo Pay na Rua de Sobripas junto a do Quebracostas⁵⁶».

Já vimos que, em 1775, Joaquim Machado de Castro residia na Rua direita da Madalena, em Lisboa. Por esse motivo, esta presença do escultor em Coimbra terá sido temporária. Quanto às razões que o levaram a Coimbra nesta altura, podemos supor pelo menos duas: falar com as pessoas da cidade para garantir que se lembrariam dele e da família durante as inquirições para a habilitação à Ordem de Cristo e a realização do grupo escultórico da fachada do museu organizado por Domingos Vandelli, no edifício do antigo Colégio de Jesus - ou Sé Nova, como ficou conhecido.

Manuel Machado Teixeira em Aguiçim e o regresso a Coimbra

Entretanto, ao mesmo tempo que Machado de Castro completava o percurso iniciado em Mafra, em 1756, até ao Cais dos Soldados, em Lisboa, em 1779, o pai e a sua nova família mantiveram-se a residir em Aguiçim, no concelho de Anadia.

As relações dos Machados em Aguiçim foram bastante favoráveis, quer afectivamente, quer socialmente. A família da terceira esposa de Machado Teixeira, mãe do organeiro Machado e Cerveira, tinha ligações colaterais de parentesco com os Castilhos⁵⁷, família de médicos e poetas, muito apreciados na Corte. A própria linha parental dos Cerveiras detinha uma forte posição económica e estava em franca ascensão social. Os tios maternos de Machado

56 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. 6. (inquiridos de Coimbra). Sublinhados da autora.

57 Para a compreensão desta ligação ver o Anexo I.

e Cerveira estavam ligados ao clero. Um deles, que foi seu padrinho de baptismo, era frade, outro, Francisco Cerveira, conseguiu pôr o filho, José Xavier Cerveira, a estudar em Coimbra para médico. Este, por sua vez, teve um filho, José Xavier Cerveira e Sousa (1797-1862), que se tornou Bispo⁵⁸.

A descendência de Machado Teixeira, resultante deste terceiro casamento, também conquistará posições de prestígio social, nobilitando-se e ocupando cargos militares na Capitania-Mor de Ordenanças do couto de Aguim, como explicarei mais adiante.

Em Aguim, Manuel Machado Teixeira terá alcançado a constância familiar, a estabilidade económica e as relações sociais que lhe permitiram dedicar-se a aprofundar os conhecimentos profissionais. O filho mais novo, António Xavier Machado e Cerveira, ao tornar-se aprendiz do pai, irá beneficiar dessa situação, como se verá adiante. O próprio Machado de Castro, que tivera algumas dificuldades com a primeira madrastra, parece ter-se integrado bem em Aguim. Fez amigos para o resto da vida, quer com Castilhos, quer com Cerveiras⁵⁹.

Entretanto, não sabemos ao certo em que data⁶⁰, Machado Teixeira enviuvou pela terceira vez e, provavelmente acompanhado do filho mais novo, terá voltado para Coimbra. Sabemos que em 1775 ainda não tinha regressado, porque nos inquéritos da habilitação à Ordem de Cristo de Machado de Castro, feitos na mesma cidade, Joana de Jesus, viúva de Manuel Gomes Louro, mestre alfaiate, refere que conhece bem o pai de Machado de Castro, que era «(...) Manoel Machado Teixeira, que ha bastantes annos se auzentou desta terra (...)» e que «naõ sabe onde agora reside (...)»⁶¹.

As propriedades dos Cerveiras em Aguim

Para que possamos compreender a posição económica dos Cerveiras em Aguim temos que nos socorrer das escrituras feitas em 1820 pelo organeiro Machado e Cerveira a propósito da doação, que resolve fazer ao afilhado e

58 Cf. Anexo I.

59 Veja-se o artigo de Soares da GRAÇA, Op. Cit.

60 Foi feita uma pesquisa aos registos de Aguim e da freguesia da Sé de Coimbra, ambos infrutíferos.

61 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. 8 (inquéritos de Coimbra). Sublinhados da autora.

primo em 2.º grau, António Xavier Cerveira e Sousa, de todas as propriedades que possuía no Couto de Aguim.

Quadro I – Propriedades herdadas por António Xavier Machado e Cerveira, sitas no Couto de Aguim.

DESIGNAÇÃO	AValiaÇÃO
Uma terra no sítio da Cocheira de Alpalhão, junto ao rio.	14\$000
O canto dos Poços de Alpalhão	16\$000
Canto da Ponte de Tamengos	45\$000
A leira da Remolha	16\$000
Uma carreira de oliveiras no Carvalhal	4\$800
Outra carreira de oliveiras no Carvalhal	5\$000
Um olival chamado do Carvalhal	19\$200
Uma terra na Carqueira, que parte com a do Couto de Grada	3\$000
Um olival na Costa de Grada com 2 carreiras de oliveiras	9\$000
Outro olival com 3 carreiras, na Costa de Grada	11\$000
Umas oliveiras no sítio dos Poços de Grada	2\$000
Outras oliveiras no mesmo sítio, que são em terra alheia	1\$300
Um olival no dito sítio	13\$000
Uma terra chamada a de Vila Franca	10\$000
Uma vinha em Vila Franca aforada ao Patana	4\$000
Um mato no sítio do [Crugeiro]	6\$400
Uma vinha na Barrosa	20\$000
Um mato e pinhal na Barrosa	11\$667
Um mato e pinhal no sítio da Barrosa	10\$000
Um mato na Deveza	\$300
Outro mato na Deveza	\$800
Uma fazenda grande chamada Salgueira	38\$000
Uma terra vizinha a esta	9\$600
Uma leira chamada das Fontainhas	6\$000
Uma terra na Ribeira do Espinhal	17\$000
Uma casa d’Arega	10\$000
Umas casas de vivenda	30\$000

FONTES:

PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA, N.º 12 (antigo 5 A), Livro 130, fl. 91v. - 92v. Cx. 26. (Doação que Machado e Cerveira faz ao seu primo em 2.º grau e afilhado, António Xavier Cerveira e Sousa, dos bens que a mãe lhe deixou).

PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA, N.º 12 (antigo 5 A), Livro 131, fl. 111v. - 112v. Cx. 27. (Doação que Machado e Cerveira faz ao seu primo em 2.º grau e afilhado, António Xavier Cerveira e Sousa, dos bens que o falecido irmão lhe deixou).

Os Cerveiras possuíam ainda a Quinta do Tanque ou Casa dos Cerveiras, como também ficou conhecida. Esta propriedade deve ter sido herdada por Francisco Cerveira, irmão de Josefa Luísa, mãe do nosso organeiro, porque no mesmo ano de 1820, a 20 de Abril, Machado e Cerveira junta às doações feitas ao afilhado acima referido os direitos de cobrança de uma dívida no valor de 2.628\$530 relativa ao empréstimo que tinha feito aos primos Albino Xavier Cerveira, Clara da Purificação Cerveira e Maria Justina Cerveira para «o fabrico geral das suas fazendas, para aumento da Quinta denominada do Tanque; para obras nas casas da mesma Quinta.⁶²»

Soares da Graça começa o artigo que saiu no “Arquivo do Distrito de Aveiro”, dedicado a Joaquim Machado Castro e Aguim, afirmando que a Casa dos Cerveiras deve o traçado ao famoso estatuário. Segue descrevendo o imóvel como «uma elegante construção apalaçada, de linhas sóbrias, tipo pombalino (...)»⁶³ e acrescenta que esta pertenceu ao bispo D. José Xavier Cerveira e Sousa, ou seja, irmão do primo em segundo grau e afilhado do organeiro Machado Cerveira.

Ainda segundo o mesmo autor, existiu durante muito tempo na Casa dos Cerveiras o pequeno modelo feito em madeira por Machado de Castro para orientar a construção da casa, mas que foi destruído por uma das crianças da família a quem o deram para brincar⁶⁴.

A data atribuída ao imóvel é de finais do século XVIII. Este modelo da autoria de Machado de Castro, se de facto existiu, tanto pode estar relacionado com a construção como com as obras acima referidas feitas sobre o edifício já existente.

Hoje, a casa da Quinta do Tanque, sita no Largo Machado de Castro, está classificada como imóvel de interesse público⁶⁵.

62 PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA, N.º 12 (antigo 5 A), Livro 130, fl. 82v. - 83v. Cx 26. (Sessão de direito).

63 GRAÇA, Soares da, Op. cit., p. 161.

64 Idem, Ibidem, p. 161 (nota 1).

65 Decreto N.º 129/77, Diário da República N.º 226, de 29 de Setembro. Sobre este imóvel veja-se *Casa da Quinta do Tanque e o grupo escultórico de São Cosme e São Damião, na capela anexa* in http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=74434 (site do IPPAR, consulta efectuada em 30 de Abril de 2007).

O legado de Machado Teixeira ao filho mais novo, António Xavier Machado e Cerveira

Machado Teixeira evoluiu de simples afinador e reparador para construtor de órgãos, disso não restam dúvidas. É até possível que se tenha concentrado preferencialmente nessa arte a partir da década de 1770. Se os testemunhos relativos à sua vida profissional, anteriores à sua mudança para Aguium, o descrevem como um artífice que concerta órgãos, para a década de 1780 temos informações seguras que atestam a existência de encomendas para a construção de instrumentos⁶⁶.

Por volta de 1766, terá começado a iniciar o filho mais novo, António Xavier Machado e Cerveira na arte da organaria. Entre o tempo de residência em Aguium e a volta a Coimbra, Machado Teixeira terá feito os contactos certos e não restam dúvidas que os usou para se afirmar e para introduzir o filho mais novo na Corte.

É necessário ter em linha de conta que as profissões exercidas por Machado Teixeira, escultor e organeiro, eram actividades com uma clientela muito específica. Quando um artista se tornava conhecido, o facto de viver fora da corte não era impeditivo de ser solicitado por clientes de outras partes do país, mas, para isso, era necessário conhecer pessoas influentes, ou ligadas aos sítios certos.

Em Coimbra, para além das personalidades locais e das personalidades ligadas à Universidade, estavam ainda presentes colégios de várias ordens religiosas, entre as quais agostinhos, beneditinos e jeronimitas, clientes naturais de órgãos. No caso dos jeronimitas, existia também o convento de S. Marcos, situado em S. Silvestre, a 12 Km de Coimbra. Curiosamente, é para o Mosteiro dos Jerónimos de Belém, em Lisboa, que Manuel Machado Teixeira faz o primeiro órgão que se conhece ligado a esta família, datado de 1781. Tratava-se de um órgão de grandes dimensões⁶⁷, órgão esse que

66 Até este momento são conhecidos dois órgãos encomendados a Machado Teixeira: um dos órgãos do Mosteiro dos Jerónimos, com a data de 1781, e o órgão do Mosteiro do Lorvão, encomendado a Machado Teixeira em 1785 e concluído por Machado e Cerveira em 1795.

67 Para a descrição e visualização deste órgão veja-se LANÇA, Pedro Daniel Neto. *Análise estrutural de abóbadas poli-nervuradas: Aplicação ao coro alto do Mosteiro dos Jerónimos*, Guimarães, Universidade do Minho/Dep. Engenharia Civil, 13 de Novembro de 2006, pp. 70-72. (Tese na área de Estruturas).

mereceu da parte do construtor a elaboração de um manual pormenorizado da construção⁶⁸.

Este órgão dos Jerónimos funcionou como uma espécie de passaporte para o filho, Machado e Cerveira, que acabou por ser chamado a construir a maior parte dos órgãos que se destinavam a substituir os que foram destruídos em Lisboa no terramoto de 1755.

Na segunda metade da década de 1780, enquanto Machado Teixeira permanece em Coimbra e aceita encomendas da região, como o caso do Mosteiro do Lorvão, em 1785, o filho, Machado e Cerveira, vai ficando por Lisboa. Em 1784 termina a construção do órgão que poderá ser o N.º 1 ou o N.º 2, que hoje se encontra em São Roque e, em 1785, finaliza o órgão da Igreja dos Mártires, que marca com o N.º 3. A partir deste momento Cerveira não voltou a parar. Entre 1781 e 1828, data da sua morte, construiu mais de 100 órgãos, que se destinaram ao Continente, Ilhas e Brasil. Um dos últimos instrumentos cuja construção completou encontra-se nos Açores, em Ponta Delgada (Museu Carlos Machado/Convento de Santo André), está datado de 1828 e ostenta o N.º 104. Ainda nos Açores, na Misericórdia de Angra do Heroísmo, existe o N.º 104 (duplicado), datado de 1829, que foi começado por Cerveira e acabado pelo seu discípulo, José Teodoro Correia de Andrade, sob a direcção da viúva Cerveira⁶⁹.

Tenha sido por acaso ou propositado, o facto é que a diferenciação profissional dos dois filhos de Machado Teixeira lhes facilitou um posicionamento de relevo nas respectivas artes. Machado de Castro já ocupava o lugar de escultor de excelência na Corte⁷⁰.

68 Quer o órgão, quer o manual, encontram-se hoje entre os objectos artísticos desaparecidos. O órgão terá sido destruído, ou desmantelado, por volta de 1940 e o manual, segundo informação de Ernesto Vieira, já se encontrava desaparecido no final do século XIX.

69 Cf. a lista dos órgãos construídos por Machado Teixeira e Machado e Cerveira, cuja existência se conhece hoje, no Anexo III. Estes dados estão em constante actualização. Neste momento decorre o levantamento de todos os órgãos históricos portugueses, coordenado por Gerhard Doderer, no âmbito de um projecto em curso no Centro de Estudos da Música Portuguesa da FCSH/UNL, que visa fixar, em suporte informático, elementos descritivos, técnicos e pictóricos, bem como indicações biográficas relacionadas com os construtores e outros organeiros que tiveram intervenções significativas no instrumento em causa.

70 PT/TT – CHANCELARIA DE D. MARIA I, Livro 17. (Alvará de escultor da casa real com data de 11.09.1782).

Cerveira veio a ocupar o lugar de organeiro da Santa Igreja Patriarcal⁷¹, responsável pelas capelas reais e Director dos Órgãos de Mafra.

Talvez Machado Teixeira tenha deliberadamente garantido um lugar de excelência ao filho mais novo, ensinando-lhe a outra arte que praticava – a organaria. Ou talvez o seu percurso profissional tenha simplesmente seguido um caminho inevitável, já que Machado Teixeira cresceu no período de retoma da construção de órgãos em Portugal, e o tempo de duração da sua vida foi o tempo necessário para que evoluísse, se afirmasse e abrisse caminho para o seu aprendiz.

A importância do órgão da Basílica dos Mártires

O primeiro dos Machados que apareceu a residir na zona do Chiado foi o organeiro António Xavier Machado e Cerveira.

Em 1784, Cerveira está registado no livro das desobrigas da freguesia dos Mártires entre as pessoas que residem no Convento de São Francisco, ao Chiado, sob a designação de «Pessoas avulsas⁷²». Da mesma lista fazem parte mais dois nomes conhecidos, Manuel Machado e António José dos Santos. Não podemos garantir tratar-se do pai de Cerveira e do criado⁷³ que o acompanhou a Lisboa e que ficou a residir com o organeiro durante bastantes anos, contudo, a sua presença no local é bastante verosímil nesta data, já que a presença do próprio Cerveira está relacionada com a construção do órgão da igreja dos Mártires.

Nesta altura, a igreja dos Mártires, que ruíra completamente no grande terramoto de 1755⁷⁴, estava em fase avançada de instalação no novo local, a rua direita das Portas de Santa Catarina (hoje Rua Garrett). A direcção da Obra estava a cargo do arquitecto Reinaldo Manuel dos Santos; o trabalho de pintura foi adjudicado a Jerónimo Gomes Teixeira e a Pedro Alexandrino

71 PT/TT – PATRIARCAL / IGREJA E FÁBRICA, Registo de Portarias e Alvarás, Livro 21, fl. 17v. (Alvará para o ordenado do Organeiro, 09.02.1792). Não encontrei no Registo Geral de Mercês a nomeação de organeiro da casa real referida por Ernesto Vieira no artigo do dicionário biográfico dos músicos.

72 AHBM – *Livro Seg. do dos assentos da desobriga dos Parochianos desta parochial freg.^a de No. Snr.^a dos Martires, o anno de 1771 e segtes*, (até 1784), fl. 358. Cota: BM B.2.259/4.

73 Não foi ainda possível apurar se a designação “criado”, que aparece nas desobrigas a identificar alguns dos residentes na casa de Cerveira, corresponde efectivamente a essa função ou se seriam ajudantes do organeiro.

74 Antes do Terramoto a igreja situava-se em frente do Convento de São Francisco da Cidade.

de Carvalho; alguns trabalhos de escultura ficaram a cargo de Francisco Leal Garcia⁷⁵, escultor da Escola de Mafra de Alexandre Giusti e que trabalhou no grupo escultórico da estátua equestre de D. José I, debaixo da orientação de Machado de Castro. Faltava encomendar um novo órgão que correspondesse à sumptuosidade do templo e à importância que esta paróquia granjeava⁷⁶, rivalizando desde longa data com a Sé. A encomenda do órgão foi confiada a Machado e Cerveira.

Assim, em 1785, Cerveira dá-se à desobriga dentro da Igreja dos Mártires⁷⁷ e na Páscoa de 1786 ainda continua a residir dentro do templo⁷⁸. Este terá sido o período de finalização e assentamento do órgão, que teria de estar pronto para que a abertura ao culto da nova sede da paróquia dos Mártires se fizesse com a pompa e solenidade próprias de uma Basílica.

Esta encomenda terá talvez sido fruto de esforços conjuntos da família. O pai, Machado Teixeira, preparou o caminho para Lisboa e o meio-irmão, Machado de Castro, poderá muito bem ter feito diligências junto das personalidades com quem privava, como por exemplo o Duque de Lafões, que tinha ligações à Basílica dos Mártires através da Irmandade do Santíssimo, ou Reinaldo Manuel dos Santos, arquitecto das Obras Públicas ligado à Casa do Risco, na qual Machado de Castro era também empregado.

A importância da Basílica dos Mártires e o prestígio que a presença da Irmandade de Santa Cecília⁷⁹ acrescentou ao templo deram visibilidade à arte posta no órgão dos Mártires, o que abriu a Cerveira, definitivamente, as portas dos restantes templos da Corte.

75 Cf. DUARTE, Armando (Cónego). *Basílica dos Mártires: A história e a arte*, Lisboa, 15 de Agosto de 2005 in http://www.paroquiadosmartires.pt/html/historia/mais_historia_arte.html (consultada efectuada em 28.04.2007).

76 A Igreja de Nossa Senhora dos Mártires fora elevada a Colegiada em 1733, ou seja, tinha privilégios próprios das Sés Catedrais, com um corpo de 6 capelães, 2 meninos de coro e um organista. A partir de 1786, a residência da Irmandade de S. Cecília, associação de classe dos músicos, dentro do templo, reforçou a importância do mesmo e elevou o desempenho da música litúrgica a níveis, cuja impressão ficou registada nos escritos de viagens de alguns estrangeiros. Veja-se *A Corte da Rainha D. Maria I*, de William BECKFORD, Lisboa, Frenesi, pp. 171-172.

77 AHBM – *Livro das desobrigas do anno de 1785*, (Rua das Portas de Santa Catarina, na Igreja). Cota: BM B.2.259/7.

78 AHBM – *Livro das desobrigas do anno de 1786*, (Rua das Portas de Santa Catarina, dentro da Igreja). Cota: BM B.2.259/8.

79 Sobre o percurso da Irmandade de Santa Cecília até se estabelecer definitivamente na Igreja dos Mártires veja-se MONTE-PIO FILARMÓNICO, *Subsidios para a historia da Irmandade de Santa Cecilia e do Monte-Pio Philarmónico*, Lisboa, Tipografia Universal, 1917.

1787: Morte de Machado Teixeira e nobilitação dos filhos Cerveiras

Em 1787 António Machado e Cerveira ausenta-se de Lisboa, talvez para acompanhar o pai, que morre neste ano em Coimbra. Na década de 1780, Manuel Machado Teixeira terá contraído núpcias pela quarta vez, desta feita com uma senhora chamada Benta, com quem vive à data da sua morte, em 24 de Maio de 1787⁸⁰, na freguesia da Sé Nova de Coimbra, aos 76 anos de idade.

Neste mesmo ano, logo após a morte de Machado Teixeira, os filhos António Xavier Machado e Cerveira e Francisco Xavier Machado e Cerveira pedem carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia, para honrar a memória do nome dos seus ascendentes, os Machados e os Cerveiras, que, no seu entender, sempre foram pessoas nobres e como tal se trataram «com armas, cavalos creados e toda a mais ostentação propria da Nobreza».

Os processos de justificação dos dois irmãos demonstram uma clara predominância de prestígio social de António Xavier Machado e Cerveira, apesar dos seus 31 anos de idade e de ser o filho mais novo da terceira união de Machado Teixeira.

Nos inquéritos, que foram feitos em Aguiçim, testemunharam pelo organeiro as seguintes personalidades:

Quadro II – Testemunhas do processo de justificação de nobreza de António Xavier Machado e Cerveira

TESTEMUNHA/MORADA	OCUPAÇÃO
Dr. José Lopes Lebre Teixeira, residente em Aguiçim	Opositor graduado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra
Bacharel Manuel Lopes Lebre Teixeira, residente em Aguiçim	Capitão-mor da ordenança do couto de Aguiçim
Domingos Pessoa de Barros, residente no Lugar do Espinhal	Capitão das ordenanças do couto de Aguiçim
Bacharel Caetano de Barros Pinto, residente no Lugar da Mata	Formado nos sagrados cânones pela Universidade de Coimbra
António Pereira, residente no Lugar da Mata	Alferes da ordenança do couto de Aguiçim

FONTE:

PT/TT – PROCESSO DE JUSTIFICAÇÃO DA NOBREZA, MAÇO 23, N.º 9.

80 Cf. Anexo II, doc. 13. Machado Teixeira deixou testamento, que seria interessante analisar, mas infelizmente ainda não foi conseguida a sua localização.

Os inquéritos sobre o irmão do organeiro efectuaram-se em Lisboa. Vejamos agora quem foram as testemunhas:

Quadro III – Testemunhas do processo de justificação de nobreza de Francisco Xavier Machado e Cerveira

TESTEMUNHA/MORADA	OCUPAÇÃO
António Caetano Ferreira de Araújo, morador ao Poço novo freguesia de Santa Catarina de Monte Sinai.	Alferes do Regimento de cavalaria do Príncipe
António José Cardoso, morador na Rua do Cabral, freguesia de Santa Catarina de Monte Sinai.	Professor de Rabeca
José Patrício, morador na Rua das Gavias, freguesia de N.ª S.ª da Encarnação.	Escultor
Feliciano José Lopes, morador na Travessa da Verónica freguesia de S.ª Engrácia.	Escultor de pedra

FONTE:

PT/TT – PROCESSO DE JUSTIFICAÇÃO DA NOBREZA, MAÇO 23, N.º 16.

O conjunto das testemunhas de Francisco revela mais alguns pormenores sobre a família dos Machados. O professor de rabeca foi casado com uma filha de Manuel Machado Teixeira, mas que não era irmã legítima dos irmãos Cerveiras. Seria por isso filha de um dos dois primeiros casamentos daquele. As restantes testemunhas estão ligadas às duas profissões que Francisco Xavier Machado e Cerveira terá exercido – militar e escultor. Quanto à actividade de militar, não temos dúvidas. Francisco foi para o Brasil depois de 1803, talvez tenha acompanhado a corte, e por lá morreu em 1820. No que diz respeito à profissão de escultor, temos apenas pistas que terão de ser aprofundadas⁸¹.

Agora debruçemo-nos sobre a verdade que se procurou apurar nas justificações da nobreza, que também diferiu no caso dos dois irmãos. As testemunhas do organeiro António Machado e Cerveira foram inquiridas sobre a nobreza dos ascendentes deste. As testemunhas do seu irmão Francisco tiveram que atestar a nobreza da ascendência deste e o seu parentesco com o organeiro, ou seja, se Francisco era seu irmão legítimo, filho do mesmo pai e mãe.

81 Cf. nota 35.

Prestando agora atenção à própria legitimidade deste pedido de nobilitação, percebemos que a verdade que sustenta a ideia da nobreza dos antepassados dos Machados e Cerveiras foi forçada.

Os depoimentos das testemunhas parecem corresponder, em certa medida, ao estatuto social dos Cerveiras de Aguim. Se aceitarmos que relatam a verdade no que diz respeito às ocorrências de Aguim, será até interessante porque nos relatam o modo como Machado Teixeira viveu nesta fase da sua vida. Sabemos que os Cerveiras, pelo menos ricos proprietários eram. Já quanto aos Machados de Braga, a verdade foi completamente forçada. A título de exemplo, vejamos o que referiu uma das testemunhas de António Xavier Machado e Cerveira sobre os pais e avós deste:

«O Bacharel Manoel Lopes Lebre Teixeira capittaõ Mor das ordenanças do couto de Aguim assistente neste mesmo couto (...) (fl. 7v.) (...) disse que sabia pello ver e prezenciar que o Justificante Antonio Xavier Machado e Serveira he filho legitimo de Manoel Machado Teixeira e de sua molher Jozepha Luiza Serveira ja defuntos e Neto Paterno de Gonçalo Teixeira e de sua molher Marianna Machada de Miranda e pella Materna de Francisco Cerveira Velho e de sua molher Maria Serveira e que outro sim sabe pello ver que os Pays do suplicante foraõ pessoas distintas e illustres tratandose sempre a ley da Nobreza andando de cavallo acompanhados de criados que os serviaõ e sabe pelo ouvir que os ditos Avos Paternos foraõ pessoas de muita nobreza e descendentes da (fl. 8) Illustre Caza dos Machados de Braga e sabe pello ver que os Avos Maternos se trataraõ a ley da Nobreza servindose com criados e criadas e de cavallo quando sahiaõ as suas dependencias e que nunca estes cometeraõ crime de leza Magestade Divina ou humana (...)»⁸²»

Esta última parte que refere a ligação dos Machados à ilustre casa dos Machados de Braga⁸³ pode ser até explicativa do motivo que levou a família a

82 PT/TT – PROCESSO DE JUSTIFICAÇÃO DA NOBREZA, MAÇO 23, N.º 9, fl. 7v. – 8. (António Xavier Machado e Cerveira). Sublinhados e realces da autora.

83 Segundo a Pedatura Lusitana de Cristóvão Alão de Moraes, referente às famílias do Entre-Douro e Minho, o ramo “Machado de Miranda” aparece na cidade de Guimarães e não em Braga. Se Mariana Machada tinha alguma

invocar o apelido “Machado de Miranda” a determinada altura⁸⁴. No entanto, se recorrermos aos testemunhos dos inquéritos da habilitação à Ordem de Cristo de Joaquim Machado de Castro, feitos em Braga e em Coimbra, em 1775, o resultado é muito diferente. Sobre a nobreza da avó paterna, Mariana Machada (de Miranda), testemunharam que não lhe conheciam nobreza porque tinha que trabalhar para se sustentar, sendo «Caziadeira trabalhando p.^a os Mais mestres do Ofício de Alfaiate⁸⁵».

Sobre o filho de Mariana Machada (de Miranda), Manuel Machado Teixeira, que foi para Coimbra, ou seja, o pai de Joaquim Machado de Castro e dos irmãos António e Francisco Machado e Cerveira, os testemunhos de Coimbra, no mesmo processo de habilitação à Ordem de Cristo, atestaram que conheciam bem Joaquim Machado de Castro «(...) que no tempo que esteve nesta Cidade ajudava a seo Pay no seo oficio que era fazer imagens e concertar orgaõs, e que seo Avo materno fora sapateiro, e por isso todos plebeus (...)⁸⁶».

Recapitulemos: se, em 1775, Mariana Machada (de Miranda), a progenitora de quem herdaram o nome “Machado”, era lembrada pelos seus conterrâneos como plebeia e o filho Manuel Machado Teixeira descrito em Coimbra como artesão que trabalhava por dinheiro, e por isso considerado plebeu, temos que concluir que a ascensão desta família se deu em Aguiar e que a construção do passado dos Machados foi moldada de forma a ombrear com os Cerveiras.

espécie de ligação a esta família não era certamente um membro privilegiado, dada a profissão que exercia e o casamento que fez.

84 O apelido Miranda, associado à mãe de Machado Teixeira, Mariana Machada, aparece pela primeira vez em 1756, no assento de baptismo do neto, António Xavier Machado e Cerveira, e volta a ser referido em 1775, no processo de habilitação à Ordem de Cristo do outro neto, Joaquim Machado de Castro. Este apelido é ainda assumido pelo próprio Manuel Machado Teixeira, em 1781, na assinatura do órgão que fez para o Mosteiro dos Jerónimos. Parece existir uma intenção de relacionar os Machados de Miranda, família importante de Guimarães, com as origens da mãe de Machado Teixeira, que de resto, é a detentora do apelido transportado por estes mestres escultores e organeiros “Os Machados”.

85 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. 7 (testemunhos de Braga).

86 Idem, fl. 2v. (testemunhas de Coimbra). Sublinhados da autora.

Em conclusão, os irmãos Cerveiras obtiveram as respectivas cartas de brasão de armas de nobreza, Francisco a 24 de Outubro de 1787⁸⁷ e António a 19 de Dezembro do mesmo ano⁸⁸.

A testemunhar a nobilitação de António Xavier Machado e Cerveira sobreviveu em colecção particular, um prato de porcelana chinesa, decorado com as iniciais do organeiro e o brasão⁸⁹.

Os Machados na Rua do Tesouro Velho⁹⁰, em Lisboa (1788-1828)

Em 1788, o organeiro Machado e Cerveira está de volta a Lisboa, fixa-se na Rua do Tesouro Velho, onde trabalha e reside até falecer.

Depois do sucesso da construção do órgão dos Mártires, Machado e Cerveira não parou de ter encomendas oriundas de todas as partes do reino. Talvez por isso, porque aceita a encomenda para o órgão do Convento da Estrela⁹¹ e porque contava com a protecção de figuras bem relacionadas com a Casa Real, consegue um espaço para trabalhar e residir no edifício dos Duques de Bragança, na Rua do Tesouro Velho. Este espaço, que já servia de

87 PT/TT – REGISTO DO CARTÓRIO DE NOBREZA, Livro IV, fl. 30-31 (microfilme 871).

88 PT/TT – REGISTO DO CARTÓRIO DE NOBREZA, Livro IV, fl. 39-40 (microfilme 871).

89 Cf. CASTRO, Nuno. *A porcelana Chinesa e os Brasões do Império*, Porto, Civilização, 1987, p. 161. Referência cedida pelo mestre organeiro Dinarte Machado.

Nuno Castro descreve Machado e Cerveira como negociante e construtor de órgãos, salientando que construiu o órgão do Santíssimo Sacramento em Lisboa. Não se percebe o porquê da relação feita entre a construção deste órgão e a nobilitação de Cerveira. Em primeiro lugar porque o órgão está datado de 1817, trinta anos depois da obtenção da carta de brasão. Em segundo lugar, porque o órgão do Sacramento não foi marcante na carreira do organeiro. Talvez se trate de uma referência puramente subjectiva do autor ou confusão que fez com o órgão chamado “Sacramento” da Basílica de Mafra, datado de 1806, que ainda assim não serviria para explicar a carta de brasão de armas atribuída dezanove anos antes.

90 No livro das desobrigas da freguesia dos Mártires, a designação completa “Rua do Tesouro Velho” aparece pela primeira vez em 1785. Luís Pastor de Macedo em *Lisboa de lés-a-lés*, vol. I, p. 119, afirma que a designação só surge depois de 1786. Esta afirmação foi repetida na op. cit. de Augusto Vieira da Silva, *Os Paços dos Duques de Bragança...*, p. 12.

A Rua do Tesouro Velho, que coincide aproximadamente com o traçado da Rua do Picadeiro, anterior ao terramoto, tem hoje a designação de Rua António Maria Cardoso, atribuída por deliberação camarária e edital de 6 de Fevereiro de 1890.

91 Na década de 1780 algumas dependências das propriedades da Casa de Bragança no Tesouro Velho estavam a ser utilizadas como estaleiro para a execução de diversas obras de patrocínio régio. Os sinos e as esculturas para o convento acima referido também foram executados neste espaço.

residência a empregados da Casa Real aposentados, começou lentamente a transformar-se num grande ateliê artístico⁹².

Entretanto, Machado de Castro continua a morar na Rua do Cais dos Soldados, a Santa Apolónia. Contudo, a sua mudança para o Tesouro Velho está a ser preparada. Desde 1783 que a Fábrica e Aula de Escultura, dirigida por aquele escultor, se encontrava a funcionar no velho palácio dos Duques de Bragança⁹³, num dos pátios a que se começou a designar Pátio da Escultura. O edifício ficara bastante arruinado com o terramoto e as casas que se destinavam a residência do escultor tiveram que sofrer algumas obras.

Em 1791 Machado de Castro já se apresenta à desobriga na freguesia dos Mártires dando como morada a «Rua do Thezouro Velho, parte esquerda, no quarto novo do Palacio da Caza de Bragança⁹⁴», logo a seguir ao Pátio da Escultura. A partir desta data os irmãos Machados tornam-se vizinhos. Ambos moram no palácio real da Rua do Tesouro Velho, em cujos pátios funcionam as respectivas fábricas de escultura e órgãos. A separação familiar ocasionada pelos sucessivos estados de viuvez e novos casamentos do pai, Machado Teixeira, chegara ao fim. Para compor a reunião de entes queridos, os Castilhos viviam muito perto, na freguesia da Encarnação.

Passados alguns anos, em 1813, Machado de Castro enviúva novamente⁹⁵. O drama familiar volta a abater-se sobre o escultor, porém, já não está sozinho: Machado e Cerveira, seu irmão, reside a poucos metros e vivem consigo três dos quatro filhos, os que permaneceram solteiros: José Xavier, que cegou, Mariana Perpétua e Maria Benedita. O filho mais velho, Diogo, seguiu a carreira militar em São Paulo, no Brasil, onde casou.

Pouco tempo depois, em 11 de Abril de 1815, António Xavier Machado e Cerveira é nomeado Sargento-Mor de Ordenanças do Couto de Aguiçim⁹⁶, mas continuou a viver em Lisboa, na Rua do Tesouro Velho. O Capitão-Mor da Ordenança de Aguiçim é o seu primo Albino Xavier Cerveira, desde 11 de Maio de 1814⁹⁷. Machado e Cerveira, que já requerera em 1799 um dos lugares vagos nas ordenanças do distrito de Aveiro, só conseguiu que o rei lhe

92 Cf. FARIA, Op. cit., pp. 110-111.

93 Idem, p. 110.

94 AHBM – Livro das desobrigas do ano de 1791, fl. 36. Cota: BM B.2.259/13. Sublinhado da autora.

95 Cf. Anexo II, doc. 14.

96 AHM – Fundo 5, Livro N.º 1869 (5/E3/-/373) *Índices de patentes de Ordenanças*.

97 Idem.

fizesse mercê de um cargo em 1804, lugar que não pode ocupar de imediato por se encontrar a desempenhar o cargo de Director dos órgãos das Capelas reais e ter entre mãos a direcção da monumental obra dos seis órgãos de Mafra.

Passados alguns anos, entre 1820 e 1822, a família dos Machados volta a passar por grandes alterações. Em 1820 morre o irmão de Machado e Cerveira, Francisco, então Coronel, na cidade de S. Luís, no Maranhão⁹⁸. Em Setembro de 1822, Machado Cerveira resolve casar⁹⁹, aos 66 anos de idade, com Maria Isabel da Fonseca, de 29 anos. Passados dois meses, em Novembro, morre Joaquim Machado de Castro¹⁰⁰.

O organeiro Cerveira é agora o chefe da família. A sua esposa, filha de um negociante bem estabelecido, foi dotada pelo pai com «10 contos de reis por conta da sua futura legítima (6 contos em dinheiro na forma da Lei e 4 contos em Jóias, enxoval e mais pertences (...))». Cerveira também dotou a noiva com uma soma elevada: 8 contos de reis¹⁰¹. No contrato antenupcial ficou estipulado que não existirá comunicação de bens presentes, nem adquiridos, ainda que hajam filhos, e que o Dote e Arras da noiva não poderá ser alienado, penhorado ou hipotecado¹⁰².

Em 1824, a propósito da morte do filho mais novo de Machado de Castro¹⁰³, Cerveira apresenta um requerimento à Patriarcal, pedindo que lhe paguem as tenças em falta do sobrinho e os argumentos que apresenta indicam que ficou a tomar conta daquele:

98 PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA, N.º 12 (antigo 5 A), Livro 131, fl. 111v. - 112v. Cx 27. (Doação que Machado e Cerveira faz ao seu primo em 2.º grau e afilhado, António Xavier Cerveira e Sousa, dos bens que o falecido irmão lhe deixou).

99 Cf. Anexo II, doc. 15.

100 Assento de óbito publicado em Henrique de Campos Ferreira LIMA, op. cit. p. XXIX. Para facilitar o acesso ao conjunto da informação, vai transcrito no Anexo II, doc. 16.

101 O elevado dote com que Cerveira presenteou a noiva foi objecto de *Carta de confirmação e Insinuação de Doação* in PT/TT - CHANCELARIA DE D. JOÃO VI – Livro 39, FL. 57.

102 PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA N.º 12 (antigo 5 A), Livro 134, fl. 87v., Cx. 27.

103 Cf. Anexo II, doc. 17.

«Informe o Secretario da Rep.ão da Igr.^a Lx.^a 18 de 7br.^o de 1824
(rubricas)»

«Ex.mos e R.mos Senhores

Diz Antonio Xavier Machado e Cerveira q.' tendo sempre em sua
caza seo Sobrinho Joze Xavier Machado de Castro e Souza cego, e
estoporado a q.m ministrou todo o precizo durante a sua vida, e lhe fez
seo enterro com a decencia q.e lhe foi possivel, e como levava na folha
das Tencionarias da S.ta Igreja Patriarcal dois mil, e quinhentos por
mez, e como se lhe ficárão devendo alguns mezes por isso o sup.te

P. a V.as Ex.as hajão por bem mandar pagar ao sup.te os mezes q.' se
estavão devendo athe ao dia do falicimt.^o do referido Sobrinho.

E.R.M.ce»

«Atesto que tudo o que dis o suplicante nesta Petição, he verdade o
que afirmo [a favor] da Pessoa Lx.^a 16 de Setembro de 1824.

O P.r Henrique Joze Correea (assinatura)¹⁰⁴»

Não se percebe muito bem quando é que começam as aflições materiais das filhas de Machado de Castro¹⁰⁵, que geraram inclusive subscrições em seu benefício, mas suponho que não terão ocorrido antes da morte de Cerveira, que era uma pessoa abastada. Ou será que este não teve com as sobrinhas a mesma atenção que dispensou ao sobrinho? Talvez a esposa não se entendesse com elas. De facto nenhuma das duas filhas de Machado de Castro aparece em casa de Cerveira depois deste ter casado. Em 1822, Maria Benedita consta do agregado de Cerveira¹⁰⁶, mas, depois dessa data a situação não se repete. Desapareceram simplesmente do Tesouro Velho.

Cerveira morreu em Setembro de 1828¹⁰⁷ sem deixar descendência. A esposa, com apenas trinta e cinco anos de idade, voltou a casar, passados cerca de quatro meses, com o tabelião José Maria d'Oliveira Nazaret, que também enviuvava e que tinha com Cerveira relações muito próximas. Era o

104 PT/TT – PATRIARCAL / IGREJA E FÁBRICA, Administração Geral, Maço 52, Cx. 50 (doc. 301). Sublinhado da autora.

105 Veja-se o que refere Henrique de Campos Ferreira LIMA, op. cit. p. XXX, nota 1.

106 AHBM – Livro das desobrigas do ano de 1822, fl. 24v. Cota: BM B.2.259/28.

107 Cf. Anexo II, doc. 18.

tabelião usado pela família, tinha sido padrinho de casamento do organeiro e tinha residido em casa dele antes deste se casar.

Por morte de Cerveira foram feitas partilhas entre os herdeiros, que eram a viúva e os três filhos ainda vivos de Machado de Castro: Diogo, Mariana Perpétua e Maria Benedita.

O Inventário feito por morte de Cerveira mostra-nos que este investira fortemente durante a sua vida. Vejamos, no quadro seguinte, os prédios urbanos de rendimento em Lisboa e em Tavira¹⁰⁸ e as várias fazendas e equipamentos de produção agrícola que o organeiro possuía nesta última cidade.

Quadro IV – Bens de investimento do casal de António Xavier Machado e Cerveira

DESIGNAÇÃO	DESCRIÇÃO
Prédio urbano de rendimento, em Lisboa, na Rua do Arco da Graça, N.º 15 e 16, lado poente, freguesia do Socorro. É um Prazo.	N.º 15 – Loja N.º 16 – porta de escada para: 1.º Andar (dividido em 4 casas) e por um beco encostado ao Arco da Graça, que não tem saída, nem título; 2.º Andar (dividido em 3 casas); 3.º Andar (dividido em 3 casas); 4.º Andar de varanda (dividido em 3 casas); Por cima duas (águas-furtadas?).
Prédio urbano de rendimento, em Lisboa, Rua do Cais dos Soldados, N.º 10-13 (hoje Rua dos Caminhos-de-Ferro, N.os 120-126), freguesia de S. Engrácia. Foreira ao HRTS.	N.º 10 – Porta de escada, serventia para uso dos andares. Na entrada há 1 quarto de criada. Os 1.º, 2.º e 3.º andares são divididos em sete e casas. Águas furtadas de pé direito à frente, divididas para dois, cada lado dividido em 5 casas. N.º 11 – 1 Armazém com 4 arcos de cantaria. N.º 13 – 1 loja
Prédio urbano na Rua Borda d’Aguiar, em Tavira	Armazém.
Prédio urbano, na Rua da Almeria, em Tavira	Armazém e casa pegada com seu quintal, poço de água.

108 PT/TT – CHANCELARIA DE D. JOÃO VI, Livro 19, FL. 115v.-118 (Carta de confirmação de prazo, de 5 de Julho de 1821). Trata-se do Reguengo de Tavira, de quem eram donatárias as freiras do Real Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus (Convento da Estrela), em Lisboa. Machado e Cerveira ficou obrigado a dar um quinto da produção às freiras donatárias.

DESIGNAÇÃO	DESCRIÇÃO
Prédio urbano, na Rua da Oliveira, em Tavira	1 Cavaliça, que consta de 1 casa com seu repastamento e 1 sobrado com seu repartimento. Mais 1 casa na mesma rua Mais 1 adega de azeite que consta de 1 casa com seu repartimento.
Fazenda no sitio do [Patarunho], arredores da cidade de Tavira	Arvoredo Vinhas e terra de pão, três casas, palheiro e uma alpendrada.
Fazenda no sitio da Casa Alta, arredores da cidade de Tavira	Arvoredo Vinhas e terra de pão, um sobrado com seu [Ganho] um palheiro, uma Alpendrada e uma ramadinha.
Gado	1 Boi nome Ramalhito 1 Boi de nome Bezugo 1 Boi de nome Diamante 1 Boi chamado Morato 1 Bezerra 1 Vaca parida chamada Morena 1 Vaca parida
Trem de Lavoura	3 Arados

FONTE:

PT/TT – CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS – Letra A, Maço 152, N.º 1, Cx. 242 (Inventário de António Xavier Machado e Cerveira).

É claro que a viúva de Cerveira fez cumprir a escritura antenupcial e separou o seu dote do bolo da herança, mas é visível no inventário que as partilhas foram efectuadas, porque os nomes dos vários filhos de Machado de Castro vão aparecendo junto aos vários itens discriminados.

Entre 1822 e 1828, as filhas de Machado de Castro tiveram parte em, pelo menos, três heranças: a do tio Francisco Machado e Cerveira¹⁰⁹, a do pai, Joaquim Machado de Castro, e a do tio António Machado e Cerveira. A juntar a estes bens, ficaram ainda com as tenças que o pai lhes assegurou através da Patriarcal. O facto de terem ficado solteiras e sobrevivido até aos oitenta anos poderá ter constituído um problema, mas com certeza que a par desse facto

109 PT/TT – CARTÓRIOS NOTARIAIS DE LISBOA, N.º 12 (antigo 5 A), Livro 134, fl. 16, Cx 27. (Procuração passada por Maria Benedicta de Castro e Souza, filha mais nova de Machado de Castro, que dá poderes aos negociantes da Praça da Cidade de S. Luís do Maranhão, Miguel Tavares e José Rodrigues Rouxo, para defenderem os seus direitos junto dos testamenteiros do tio, o Brigadeiro Francisco Xavier Machado).

existiriam provavelmente gastos elevados, talvez relacionados com a vontade de manter a posição social elevada a que se habituaram na casa paterna.

Recapitulando, as filhas de Machado de Castro abandonaram o Tesouro Velho entre 1823 e 1824. Após a morte de Cerveira, em 1828, a viúva permanece no local até 1830, para honrar os últimos compromissos da fábrica de órgãos assumidos pelo marido. Na Páscoa de 1831 já não se apresenta ninguém da família dos Machados a desobrigar-se na freguesia dos Mártires.

A fábrica de órgãos sob a gerência da Viúva Cerveira

Após a morte de Cerveira, a viúva mantém a oficina a funcionar até 1830, com o oficial José Teodoro Correia de Andrade¹¹⁰.

O novo marido da viúva de Cerveira residia em Coimbra e, talvez por esse motivo, esta só manteve a oficina aberta o tempo suficiente para liquidar as contas da fábrica e para terminar três órgãos destinados ao Açores, ajustados pelo organeiro em contrato, mas que não conseguira terminar: um quase acabado, um meio feito e outro principiado¹¹¹.

Isabel da Fonseca e Cerveira assina uma declaração de compromisso para com os clientes dos órgãos: «Declaração que faz a Inv.te de que seu Marido recebeo para signal de tres Orgaons á qual responsabilidade ella Inv. te tem sobre Si, pella sua avaliação, para acabar por sua Conta e descontar nos pagamentos como deve da declaracao no appenço.¹¹²» Seguindo-se a descrição dos três órgãos, que refere ser um destinado às Ilhas (talvez seja o de Ponta Delgada), outro para S. Miguel e um terceiro para a igreja da Misericórdia, em Angra do Heroísmo¹¹³.

110 Este discípulo de Cerveira sucedeu-lhe no lugar do mestre organeiro da Santa Igreja Patriarcal.

111 PT/TT – CASA DA SUPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS – Letra A, Maço 152, N.º 1, Cx. 242 (1.º Macete – 1.ª parte, fls. 209)

112 Idem, (1.º Macete – 2.ª parte, fls. 260-260v.)

113 Ibidem, (1.º Macete – 2.ª parte, fls. 260v. - 262v.)

Reflexões Finais

De artesãos a artistas: a pertença social dos Machados

Machado Teixeira pertenceu à geração de charneira da qual ascendeu a figura do Artista com um estatuto privilegiado, estatuto esse defendido com base na ideia de que certos ofícios exigiam alguma intelectualização e por isso mereciam destacar-se.

Por viver em Coimbra desde tenra idade, Machado Teixeira cresceu cercado de informação que lhe permitiu entrar em contacto com as novas ideias emanadas pelas correntes humanistas. A presença do colégio dos jesuítas, de várias ordens religiosas e da Universidade, todos apetrechados de excelentes bibliotecas, teve forçosamente que influenciar um sujeito curioso por natureza e o resultado foi «um homem dotado de ingenho e habilidade enciclopédica¹¹⁴».

Parece-me que não será descabido pensar que a «habilidade enciclopédica», expressão que Assis Rodrigues atribui a Machado de Castro quando este se referia ao pai, terá sido sustentada pelo saber, ou conhecimento enciclopédico a que Machado Teixeira teve acesso. A habilidade terá sido conjugada com o saber colhido nos manuais e nas obras a que teve acesso e no contacto com artistas estrangeiros, intelectualizados, que passaram por Coimbra nas diversas campanhas de obras dos mosteiros, da Sé e da Universidade. Não esqueçamos ainda que em Coimbra existiam bastantes livreiros e que alguns eram vizinhos dos Machados e os conheciam bem.

Quanto à posição social enquanto artistas, Machado Teixeira é descrito como aquele que tem que vender as obras para se sustentar enquanto os filhos já foram funcionários régios, que viviam das suas rendas. Ou seja, fazer o trabalho por salário colocava o indivíduo numa posição socialmente inferior, independentemente de fazer ou não uso do intelecto. A informação produzida em 1775 com base nos inquéritos feitos para a habilitação à Ordem de Cristo, de Joaquim Machado de Castro, é bastante esclarecedora desta visão:

114 RODRIGUES, Francisco de Assis. “Comemoração” in Revista Universal Lisbonense, 17 de Novembro de 1842, p. 99.

«Consta de tudo na forma dos interrogatorios: Q.to á qualid.e consta que o Justificante nos seus principios se ocupava em fazer figuras de pao e barro e consertar orgaos por dinheiro para se sustentar, e ao prez. te he Deliniador do Risco das obras de cantaria da Caza do Risco do Arsenal Real.¹¹⁵»

Este excerto refere-se ao próprio Joaquim Machado de Castro. Repare-se que a palavra “dinheiro” não aparece relacionada com a sua actividade de funcionário régio. O peso negativo que trabalhar por salário ou ter profissões consideradas vis, tais como fazer trabalhos agrícolas para terceiros, não ter especialização ou simplesmente não fazer parte dos ofícios embandeirados, reflecte-se de tal modo no reconhecimento social que valeu alguns amargos de boca a muitos artistas, cuja ascensão provocada pelas novas ideias não foi suficiente para apagar a “mancha” nas suas origens.

O desfecho da informação atrás referida dá-nos mais uma imagem do conceito de elevação social da época:

«O Pai teve a mesma ocupasaõ de fazer figuras por salario. O Avô Paterno foi Alfaiate, a Avó Paterna Caziadeira de vestidos. O Avô materno sapateiro, a May e Avó materna de segunda condisaõ; pelo q.’ julgaõ impedido e [no mandaõ] se de conta a Sua Mag.de Meza 8 de Abril de 1775. (assinaturas)¹¹⁶».

A questão da segunda condição, atribuída à mãe e avó materna de Machado de Castro, merece igualmente alguma reflexão. Se fizermos uma leitura atenta de todo o processo de habilitação à Ordem de Cristo de Machado de Castro, não encontramos uma única referência que nos indique “contaminação de sangue”, ou seja, ancestralidade judaica ou moura¹¹⁷. Mas, se atentarmos às profissões dos pais e avós no seu conjunto, as únicas pessoas sem ofício definido são a mãe e avó materna.

115 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fl. s/n.º (última folha do processo). Sublinhados da autora.

116 Idem.

117 Veja-se RODRIGUES, Ana Duarte. “O homem por detrás da obra: Machado de Castro (1731-1822) in *Artis*, Revista do IHA/FLL, N.º 4, 2005, p. 341-342. A explicação baseada na contaminação de sangue avançada pela autora é atribuída pela mesma ao Dr. Anísio Franco, na nota pé de página n.º 58.

Se procurarmos no mesmo documento referências à mãe e à avó materna deparamo-nos com uma ausência quase total de descrições sobre a mãe, talvez por ter morrido cedo, mas relativamente à avó materna existem alguns indícios. Sabemos que é natural de Arzila, campo de Coimbra, portanto uma camponesa – ou rústica, nos dizeres da época –, e «que se tratava como pessoa *mechanica*¹¹⁸».

Recorrendo ao dicionário de Morais, vejamos o sentido das palavras “condição” e “mecânica”:

Condição – (...) Sinónimos: Condição, Estado, Qualidade.
CONDIÇÃO: Exprime genericamente a graduação social, o lugar que o homem tem nas diferentes ordens de que se compõe a sociedade.
ESTADO: Refere-se ao modo de vida, que o tem na sociedade; à ocupação, ao emprego permanente de que faz profissão¹¹⁹.»

«**Mechanica**² – *s.m.* (...) Indivíduo de origem ou condição plebeia.¹²⁰»

Parece-me que existem bastantes probabilidades da avó materna de Machado de Castro ter realizado trabalhos agrícolas à jorna, situação quase inevitável para os camponeses, mesmo quando possuíam a casa em que viviam e uma horta de subsistência, que seriam provavelmente os bens a que se refere uma das testemunhas, que os menciona sem dar destaque ao caso, dizendo apenas que a conhece porque lhe falava quando ela voltava àquele lugar «por cauza de alguns bens que nele tinha, ainda no tempo que assestia em Coimbra cazada com hum Sapateiro.¹²¹»

Nalguns casos, os aprendizes das artes relacionadas directamente com a liturgia ou com o culto religioso eram recrutados, pela igreja, entre as crianças mais desfavorecidas ou com menos hipóteses de sobrevivência. Era o caso

118 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fls. 12-12v. (inquéritos de Arzila, depoimento de Antónia Cordeira, viúva de Manuel Pereira Reis).

119 “Condição” in SILVA, António de Morais (dir.). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência, 1953. 10.^a Ed. Revista, Vol. III, p. 365. Sublinhado da autora.

120 “Mecânica” in Idem, Vol. VI, p. 608.

121 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra J, Maço 46, doc. 14, fls. 14v. (inquéritos de Arzila, depoimento de João Pereira Reis).

dos meninos do coro¹²², admitidos entre os 8 e 12 anos de idade, que assim que atingiam a idade da mudança da voz, na sua maioria seguiam para a aprendizagem de uma profissão, que poderia ser a de músicos, mas também a de artesãos. No caso de centros artísticos em que os próprios monges e padres eram artistas, alguns dos santeiros, organeiros, carpinteiros, etc. poderão ter começado desta forma a sua aprendizagem.

No caso das profissões tornadas artes, mesmo que o artista se viesse a revelar um génio e fosse consagrado profissionalmente, numa sociedade tão hierarquizada, teria sempre sobre si o peso das origens.

No caso de Machado de Castro, é claro que o rei, apreciador do excelente trabalho do escultor, fez prevalecer a sua vontade e ultrapassou os impedimentos. Não conseguiu, no entanto, evitar a humilhação que esta apreciação causou ao homem¹²³ e à qual não deve ser alheia a definição que faz das palavras “ARTISTAS E ARTEZANOS” no seu dicionário de escultura, cujo tom é o de um artigo de opinião:

«**Artistas e Artesanos** - Nos felices climas, aonde muitos annos ha, que as Bellas-Artes filhas do Desenho e outras, que tem mais de mental, que de material, largarão as mantilhas, fazem differença de *Artistas* e *Artezanos*. Aos primeiros chamão *Artistas*, mesmo para distinguillos dos *Artezanos*, deixando esta última nomenclatura aos que exercitão officios fabris, e embandeirados. Por tanto errão na linguagem as pessoas, que estes nomes confundem. Isto na verdade he questão de nome: porem o espirito humano he tão limitado, que aquelles a quem qualquer minima distincção pertence, fazem esforços para não perdella.¹²⁴»

O organeiro Machado e Cerveira foi mais feliz que Machado de Castro nestas questões. Foi favorecido de diversas formas. Beneficiou do

122 Sobre a origem social dos meninos do coro veja-se SCHERPEREEL, Joseph. *Os Meninos do Coro da Sé de Lisboa e a sua organização até à Revolução liberal de 1834*, Separata da Revista Portuguesa de Musicologia, N.º 13, Lisboa, 2003, p. 41-42.

123 Ainda assim Machado de Castro conseguiu resolver o problema em poucos meses. Já José António Carlos Seixas, o compositor, organista e cravista conimbricense, contemporâneo de Machado e Teixeira, teve menos sorte. A habilitação de Seixas foi recusada com o mesmo argumento da segunda condição, só que neste caso foi relativamente às duas avós, a materna e a paterna. O assunto só ficou resolvido ao fim de nove anos.

124 “Artistas e Artesanos” in CASTRO, Joaquim Machado de. *Dicionário de Escultura* (Colecção Inéditos de História da Arte), Lisboa, Livraria Coelho, 1937, p. 28. Sublinhado da autora.

conhecimento acumulado pelo pai, beneficiou do prestígio alcançado por Machado de Castro, beneficiou das origens maternas socialmente mais elevadas do que as da mãe do escultor e beneficiou da incontável abertura de ideias provocada pela cultura francesa no início do século XIX.

Em 1804, é-lhe feita a mercê do Hábito de Cristo. Numa atitude pragmática, Cerveira resolveu atalhar caminho fazendo o seguinte pedido:

«Diz Antonio Xavier Machado e Cerveira a q.m V. A. R. ouve por bem fazerlhe m.ce do Habito da Ordem de Christo e porq' o sup.e com brevidade deseja receber e professar o referido Habito e V. A. R. tem a outros m.tos dispensado nas suas habilitações p.^a com maior brevidade Professarem e o Sup.e porsuadido a não desmerecer outra igual grandeza, hé q' P. a V. A. R. seja servido de o despensar nas suas habilitações e para q' no Rial convento de Nossa Senhora da Lus desta cidade possa receber e Professar o referido Habito e por cuja graça q' supplica
R. M.¹²⁵»

Ou seja, pede que o dispensem dos inquéritos sobre as suas origens. O argumento que invoca é a dispensa concedida a outros casos e a resposta é positiva:

«Attendendo ao que o Supplicando representa: Hey por bem dispensar nas provanças, e habilitaçoes de sua Pessôa, a que Senhor se deveria proceder, e havêlo por habilitado para receber o Habito da Ordem de Christo de que lhe fiz Mercê, dispensando-o outro sim da apresentação de quaes certidoens, e Folhas corridas, que devesse ajuntar, e para que no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, extramuros da Cidade de Lisbôa, possa receber, e logo Professar o dito Habito; sem embargo dos Estatutos, e Definiçoens da mesma Ordem em contrario.

A Meza da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido, e lhe mande passar os Despachos necessários. Palacio de Queluz em vinte e quatro de Mayo de mil oito centos e quatro. /.

*(assinatura do Príncipe Regente)*¹²⁶»

125 PT/TT – HABILITAÇÕES DA ORDEM DE CRISTO, Letra A, Maço 39, documento 86.

126 Idem.

O facto de Cerveira já ter sido sujeito à justificação da nobreza deve ter contado, embora esta, comparada com os inquéritos que se faziam para a habilitação à Ordem de Cristo, ser muito menos informativa. Sinal dos tempos ou talvez a fama que o precedia fosse suficiente. Afinal de contas, para além da reputação familiar, ele próprio já provara o seu valor. Em 16 de Junho de 1804, quando a carta do Habito de Cristo foi emitida¹²⁷, já Cerveira construía perto de 70 órgãos.

O lado negativo da ausência das inquirições é que perdemos a oportunidade de conhecer em pormenor e com testemunhos mais isentos, a família materna de Cerveira e o seu percurso com o pai durante o tempo de residência em Aguim e do regresso a Coimbra.

Segundo Ernesto Vieira, as obras que valeram a Machado e Cerveira a mercê do hábito de Cristo foram a construção do órgão da Capela Real do Palácio de Queluz e três dos seis órgãos de Mafra. Vieira afirma ainda que Cerveira foi nomeado organeiro da casa real nesta altura¹²⁸.

Relativamente à nomeação de Cerveira para organeiro da Casa Real, esta não consta no Registo Geral de Mercês. Consta sim a sua nomeação para organeiro da Santa Igreja Patriarcal, a contar desde Dezembro de 1791¹²⁹, ou seja, poucos meses antes do início dos trabalhos para os órgãos de Mafra. Tenhamos presente que a partir de 1792 a igreja patriarcal se juntou com a capela real, no mesmo espaço, junto ao palácio da Ajuda, onde ficou até à sua extinção em 1834.

Sobre a relação entre a nomeação de Cerveira e o órgão de Queluz tenho dúvidas que não é possível esclarecer de momento, por falta de elementos sobre a data da sua construção¹³⁰.

Relativamente aos órgãos de Mafra, podemos pensar na hipótese da mercê ter resultado do desempenho de Cerveira na coordenação da obra¹³¹. Já que tenha resultado da construção dos mesmos órgãos é pouco provável. Cerveira apenas construiu três dos seis órgãos de Mafra, sendo que os outros

127 PT/TT – REGISTO GERAL DE MERCÊS, D. João VI, Livro 5, fl. 206v.

128 “Machado e Cerveira (Antonio Xavier)” in VIEIRA, Ernesto. *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes – Historia e Bibliographia da Musica em Portugal*, Lisboa, Lambertini, 1900, Vol. II, p. 54

129 PT/TT – PATRIARCAL, *Registo de Provisões e Ordens, pertencentes a Lisboa, Óbidos e Santarém*, Livro 14, fl. 183v.

130 A contenda em curso entre o mestre organeiro António Simões e o IPPAR dificulta o acesso a este órgão.

131 Cf. DODERER, Gerhard, Op. cit., p. 101.

três foram construídos por Joaquim António Peres Fontanes. Além disso, a obra só ficou pronta em Setembro de 1807¹³², tendo sido o concerto inaugural efectuado nesse mesmo ano. Não faz muito sentido que a atribuição da mercê tenha antecedido em três anos a inauguração dos órgãos.

Relativamente a 1804, o que podemos afirmar é que Machado e Cerveira está a desempenhar as funções de Director dos Orgãos da Real Basilica de Mafra, e mais Capelas Reais, cargo que o terá impedido de assumir nesse mesmo ano o posto de Sargento-Mór de Ordenanças de Aguim. Esta situação é relatada pelo próprio organeiro num requerimento que envia em 1824, ao quartel-general do Porto:

«Senhor

Diz Antonio Xavier Machado, e Cerveira, q' tendo-lhe Vossa Magestade feito mercê de o despachar Sargento Mór das Ordenanças dos Coitos d'Aguim em 1804 não pôde o Sup.te ter exercicio daquelle posto, por se achar empregado no immediato serviço de vossa Magestade, como Director, q' he dos Orgãos da Real Basilica de Mafra, e mais Capellas Reaes, o q' o obriga a rezidir em 40 legoas de distancia daquelle Districto, tornando-se por isso impossivel fazer nelle serviço: a isto acresce o estar o sup.te em idade tão vançada, q' pouco abil o torna p.^a empregos militares, e como só pode, e deseja continuar a ter a honra de servir a Vossa Magestade no emprego, q' actualmente tem

P. a Vossa Magestade seja servido, em attenção ao tempo do serviço do sup.te, fazer-lhe a Graça de o reformar ao immediato posto de Capitão Mor, ou em qualquer q' Vossa Magestade houver por bem

E. R. M.ce

Lisboa em 27 de Junho de 1824

Antonio Xavier Machado e Cerveira (assinatura)¹³³».

132 Idem, p. 104. Apesar da empreitada ter sido dividida entre António Xavier Machado e Cerveira e Joaquim António Peres Fontanes, este último não teve qualquer reconhecimento especial, não obstante ser tido pelos especialistas actuais como um organeiro excepcional do ponto de vista técnico.

133 AHM – Processo individual de António Xavier Machado e Cerveira, 3.^a Div., 7.^a Sec., Cx. 214. Sublinhado da autora.

Pouco tempo depois, em 1808, Cerveira entrou para a Irmandade de Santa Cecília, associação de classe dos músicos, sendo este facto mais um caso demonstrativo da facilidade com que Cerveira se moveu socialmente.

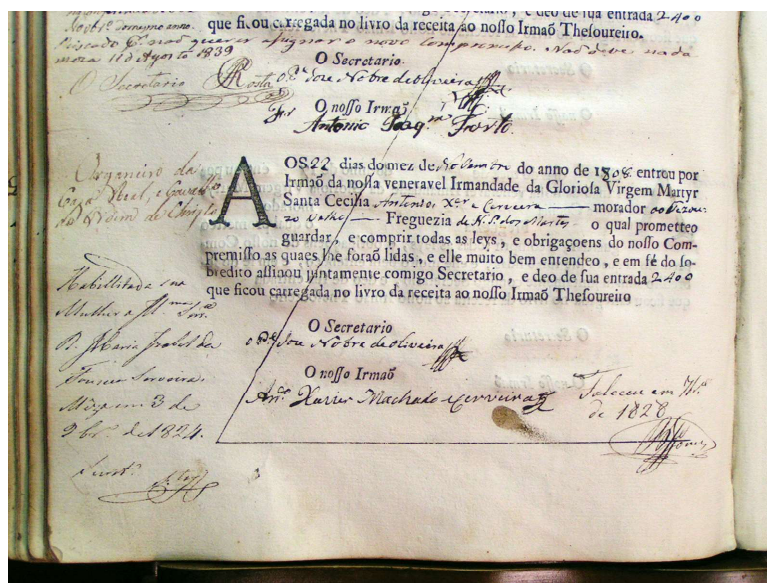


Fig. 5

Registo da entrada para irmão da Irmandade de Santa Cecília,
de António Xavier Machado e Cerveira.

(*Livro das Entradas da Veneravel Irmandade da Gloriosa Virgem,
e Martyr Santa Cecilia dos Cantores, 1756-1824*)

Cortesia da Irmandade de Santa Cecília/Montepio Filarmónico, de Lisboa.

A irmandade dos artistas músicos, de resto tal como as corporações dos ofícios embandeirados, colocava muitas restrições à entrada de membros fora da profissão. Os músicos, contudo, por terem o estatuto de artistas, acrescentavam aos obstáculos habituais mais um: os oficiais mecânicos não podiam tornar-se irmãos. No Compromisso da Irmandade, no seu art.º 4.º do Capítulo I, estão contidos os critérios para a selecção dos seus membros:

«Não serão admitidos na Irmand.e se não os professores, q. tenham
verdradr.^a Intellig.^a da Musica, ou pessõas nobres, excluindo toda a q.
exercitar officio mechanic, ou mulheres, q. se occupem em tratos baixos,

e vis. Poderão porem ser admittidos Letrados, Medicos, e Cyrurgiões, não só pela nobreza de seos off.os, mas tambem pela valid.e, q. delles pode resultar á Confraria; e mesmo se permite a respeito dos Rellig.os, q. se obrigarem ás Leys deste compromisso.¹³⁴»

Embora a organaria se conformasse com a classificação de Arte, por implicar trabalho intelectual, e tenhamos provas que Machado e Cerveira se considerava um artista, mais precisamente, um «Professor da Arte Organica¹³⁵», a verdade é que não foi eleita como uma das disciplinas classificadas como belas-artes. Cerveira é o único construtor de instrumentos musicais que se tornou irmão desta instituição. E não foi por falta de candidatos. António José Haupt, construtor de instrumentos de sopro, de madeira, foi rejeitado um ano depois de Cerveira ter entrado¹³⁶ e o argumento foi o facto de exercer um ofício mecânico, o de torneiro¹³⁷.

O texto das Cartas Patente da Irmandade denuncia ainda outro requisito, a entrada de um irmão novo devia ser precedida de «(...) exacta, e secreta inquirição de sua vida, costumes, e capacidade a qual fica em nosso Cartorio (...)»¹³⁸. O resultado destes inquéritos dava origem a um processo de habilitação e à apresentação do caso em reunião da Mesa da Irmandade. No caso de Cerveira, nem consta qualquer registo do assunto nem nos livros de actas, nem das conferências e até este momento não foi encontrado nenhum processo de habilitação relativo ao organeiro no arquivo de S.^a Cecília.

Podemos compreender que um indivíduo nobilitado, cavaleiro da Ordem de Cristo e organeiro da Santa Igreja Patriarcal, tinha prestígio suficiente para ser útil à irmandade, mas, uma vez que mais nenhum construtor

134 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – *Original do Cômpromisso de S.^a Cecilia Consedido por El R. D. Joze Primeiro No An.^o de 1766*, art.^o 4, Capitulo I.

135 PT/TT – PATRIARCAL / IGREJA E FÁBRICA, Administração Geral, Maço 25, Cx 25 (doc. 45).

136 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – 2.^o Livro das Conferências da Irmandade de S. Cecília, fl. 32v. Cota: LA02.

137 Sobre esta família veja-se SALGADO, José Bénard Guedes. “A família prussiana Haupt, sua descendência portuguesa” in *Armas e Troféus, Revista de história, heráldica e arte*, IX Série, Janeiro-Dezembro 2000-2001. A família Haupt foi reputada como excelente na arte de construir instrumentos de sopro desde que chegou a Portugal, na primeira metade do século XVIII, tendo inclusive sido protegida pela casa real.

138 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – Cartas Patente da Irmandade de Santa Cecília. Estas cartas destinavam-se a assegurar aos irmãos cumpridores das regras e do pagamento das cotas, a realização de missas pela sua alma quando falecessem, à semelhança do que praticavam as irmandades devocionais.

de instrumentos teve essa honra, o caso é ilustrativo da importância social alcançada por Machado e Cerveira.

Durante o tempo que fez parte da Irmandade de S. Cecília, Cerveira desempenhou os seguintes cargos: mordomo em 1810 e 1820¹³⁹, e 1.º assistente a partir de 1824 até falecer em 1828, tendo presidido quase sempre às reuniões, no lugar do Provedor¹⁴⁰.

Apesar de nobilitado, só a partir da data da promoção a 1.º assistente é que Cerveira passou a pertencer à Presidência da Corte e Nobreza¹⁴¹.

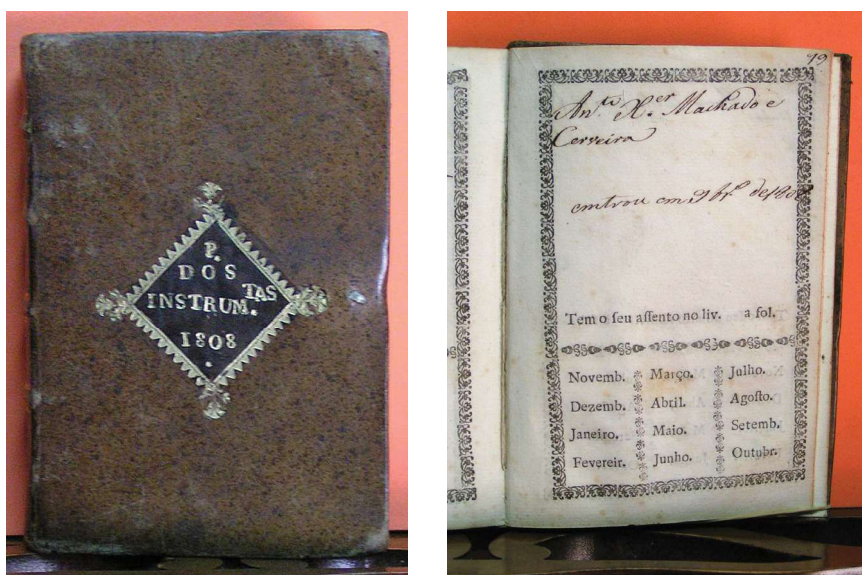


Fig. 6

Registo de António Xavier Machado e Cerveira na Presidência dos Instrumentistas da Irmandade de Santa Cecília.

(Livrinho da Presidência dos Instrumentistas, de 1808, Cota: A07.12)

Cortesia da Irmandade de Santa Cecília/Montepio Filarmónico, de Lisboa.

139 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – Livro 2.º das Eleições (1796 – 1822).

140 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – Livros 2.º e 3.º das Conferências. Cotas: LA02 e LA03.

141 As Presidências de S. Cecília seguiam o modelo das Presidências das Irmandades devocionais em termos burocráticos. A diferença é que, nas devocionais, as Presidências eram extensões geográficas da irmandade, ou seja, os Presidentes das mesas correspondiam aos locais da cidade onde habitavam os irmãos. No caso da Irmandade de Santa Cecília, as Presidências eram de género e dividiam-se em: Corte e Nobreza, Instrumentistas, Cantores, Patriarcal (até 1795), Capela de N. S. Ajuda (até 1795), Patriarcal + Ajuda (de 1796-1832) e Basílica de S. Maria (Sé).

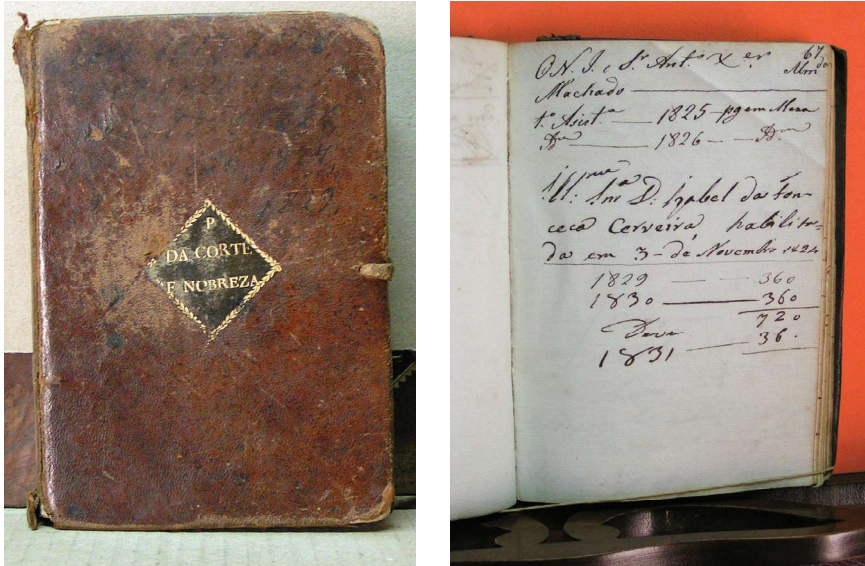


Fig. 7

Registo de António Xavier Machado e Cerveira na Presidência da Corte e Nobreza da Irmandade de Santa Cecília.

(Livrinho da Presidência da Corte e Nobreza, de 1825-1831 Livrinho da Presidência da Corte e Nobreza, de 1825-1831 Cota: A11.09)

Cortesia da Irmandade de Santa Cecília/Montepio Filarmónico, de Lisboa.

A passagem de Machado e Cerveira pela Irmandade de Santa Cecília foi discreta. Não se registaram quaisquer comentários à sua entrada e durante os vinte anos de filiação, tirando os registos das actas que anunciam a sua presença, ou a sua presidência, não são feitos mais comentários, com a excepção de um caso que, por constituir um dos raros testemunhos da exposição do seu pensamento e da sua acção, na primeira pessoa, fica aqui registado:

«Conferência de 23 de Março de 1813

Nesta conferencia, foi chamado o Irmão An.to X.er Machado p.^a ser arguido de andar convidando os nossos Irmãos p.^a cantarem com os P.es Arrabidos, sendo isto contra o nosso compromisso; disse que elle não dezincaminhara os Irmãos, mas sim que elle convidava alguns amigos por obzequio, p.^a hirem cantar com os d.os Arrabidos, pois p.^a o convidar por obzequio, julga ser permitido a qualquer pessoa bem

como sucedera com a função de Bemfica no dia 18 de Dezbr.^o do preterito anno; pois que pedira por favor [sozn.^o] a Dom.os X.er Sillos [da Silva]¹⁴², e a Alexandre Joze Lidres¹⁴³ p.^a hirem á d.ta função, e q. convidando-os por este modo, por força lhe havia dár hua Sége, e juntam.te dar-lhe de jantar, portanto, que estes se receberão dinheiro foi p.^a a d.ta Sege, mas que não fora elle q.m lhe dáva o d.to dinheiro p.^a a d.^a Sege.

Ant.^o X.er Machado e Cerveira¹⁴⁴».

A questão do “desencaminhar” os irmãos prende-se com as restrições que os músicos tinham de aceitar trabalho directamente e de receber dinheiro por isso, sem o controlo da irmandade.

Quanto à questão da pertença a irmandades, sabemos ainda que os irmãos Machados não foram uma excepção ao seu tempo. Cerveira, para além desta pertença a uma irmandade de classe, a de S. Cecília, estava ligado a, pelo menos, uma irmandade devocional, a do Santíssimo, sita na mesma Igreja dos Mártires. Nesta última participou como mordomo e como eleitor da mesa, por diversas vezes, entre 1788 e 1828¹⁴⁵, ou seja, durante todo o período que viveu na Rua do Tesouro Velho.

Relativamente a Machado de Castro, através do seu testamento ficamos a saber que foi irmão da Irmandade do Santíssimo da Igreja dos Mártires e da Irmandade da ordem Terceira de Xabregas, sita no Hospício do Menino Deus¹⁴⁶. Sabemos ainda que também foi irmão da Irmandade do Santíssimo da Igreja da Madalena, na qual desempenhou o cargo de mordomo, tendo sido eleito em 1775 para servir a mesa de 1776¹⁴⁷.

142 Cantor da Bemposta 1802-1834 (tenor, contralto, soprano, flauta baixo).

143 Tenor da Patriarcal.

144 AHISC/MF, Basílica dos Mártires – 2.^o Livro das Conferências da Irmandade de S. Cecília, fl. 108. Cota: LA02.

145 AHBM – Livro de eleições da Irmandade do SS.mo (1765-1843). Cota: BM A.4.2.146.

146 PT/TT – CASA DA SUPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS – Letra J, Maço 351, fl. 6v., Cx. 2055.

147 IGREJA PAROQUIAL DA MADALENA – Livro das Eleições da Irm. SS.mo, fl. 65. (Cota: Inv.31).

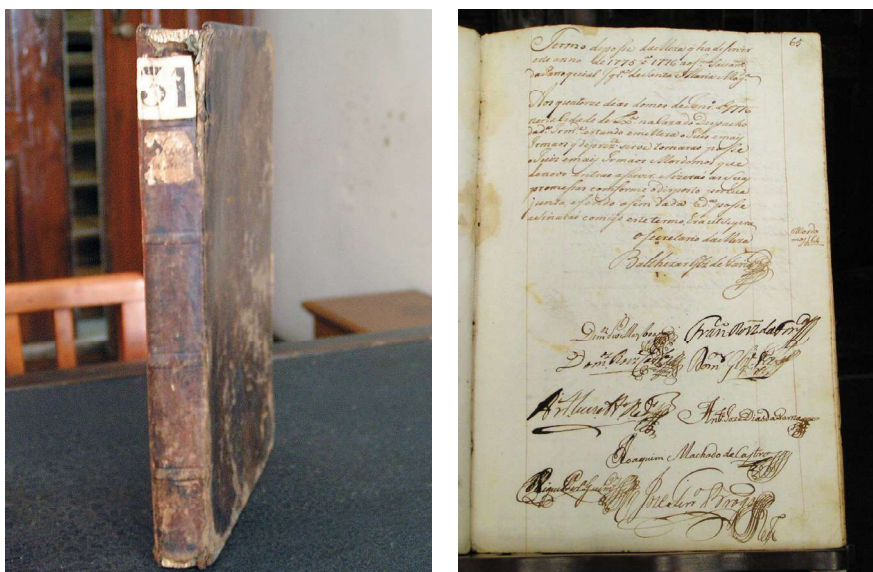


Fig 8

Eleição de Joaquim Machado de Castro para o cargo de mordomo da Irmandade do Santíssimo da Igreja da Madalena, no ano de 1775/1776. (Livro das Eleições da Irmandade do Santíssimo, da Igreja da Madalena, Cota: Inv. 31). Cortesia da Irmandade do Santíssimo da Igreja da Madalena

Se prestarmos atenção às áreas geográficas das irmandades a que Machado de Castro pertenceu, concluímos que estão na esfera dos três locais em que residiu em Lisboa a partir de 1772.

O caminho percorrido pelos Machados entre os tempos de Coimbra e a fixação em Lisboa, no Tesouro Velho, traduz-se numa linha ascendente de progressão profissional e social. Foi fundamental a teia de ligações que construíram, tanto com os casamentos como com as relações sociais mais informais. O resultado para os dois filhos de Machado Teixeira foi, no entanto, diferente. Enquanto Machado de Castro se movimentou entre os intelectuais, esteve ligado a academias e a sua afirmação social assentou fundamentalmente no reconhecimento da sua genialidade e do seu intelecto, Machado e Cerveira também foi reconhecido pela competência profissional, mas a esta juntou uma posição económica sólida que lhe permitiu aceder à distinção social. A diferença de postura intelectual dos irmãos Machados também foi diferente e isso é visível nos respectivos inventários: Machado de

Castro tem uma biblioteca com mais de meia centena de volumes das áreas da escultura, arquitectura, pintura, história, religião e poesia¹⁴⁸, enquanto Machado e Cerveira, segundo o inventário, ainda que isso nos pareça estranho, não possuía um único livro.

O caminho percorrido pelos Machados indica-nos que, em Portugal, a importância que o estatuto de belas-artes passou a conferir aos artistas que as desempenhavam parece ter tido um peso diminuto na sua afirmação pessoal. Continuaram a ser as encomendas do Estado e da Igreja as principais fontes de progresso social e económico destes artistas, o que significa que foram poucos os que se afirmaram. Pegando ainda no caso dos Machados, note-se que o peso da posição económica e a teia de relações pessoais com que cada um dos artistas iniciaram a sua vida profissional parece ter sido decisiva na maior ou menor facilidade com que se afirmaram.

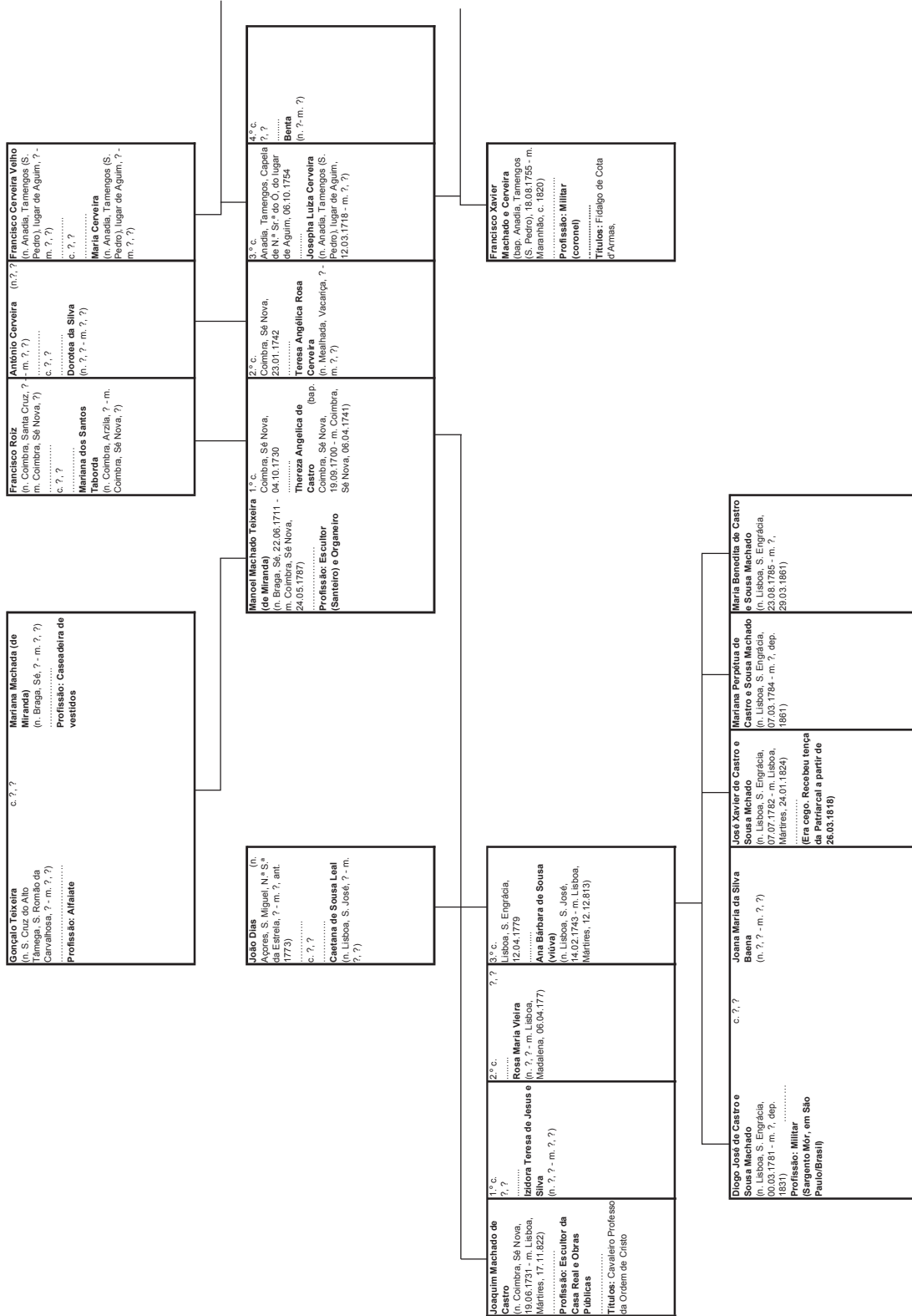
Abreviaturas

ADA – Arquivo Distrital de Aveiro
ADB/UM – Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho
AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra
AHBM – Arquivo Histórico Basilica dos Mártires
AHISC/MF (Basilica dos Mártires) – Arquivo Histórico Irmandade de Santa Cecília/
Montepio Filarmónico
AHM – Arquivo Histórico Militar
AHTC – Arquivo Histórico Tribunal de Contas
CEHCP/ISCTE – Centro de Estudo da História Contemporânea Portuguesa/Instituto de
Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
FCG – Fundação Calouste Gulbenkian
FCSH/UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa
IHA/FLL – Instituto de História de Arte/Faculdade de Letras de Lisboa
HRST – Hospital Real de Todos os Santos
PT/TT – Portugal / Torre do Tombo
IPA – Inventário do Património Artístico

148 Sobre este assunto veja-se FARIA, Miguel Figueira de. / Machado de Castro: Estudos II, Lisboa, Livros horizonte, 2008.

Anexo I

Os escultores e organeiros Machados: laços de parentesco com Cerveiras e Castilhos de Aguium



Domingos Francisco (n. 22.08.1717
Anadia, Tameingos,
Agium, ? - m. ? , ?)
Maria Gomes
(n. Anadia, Tameingos,
Agium, ? - m. ? , ?)

José Barreto de Castilho
(n. Anadia, São Lourenço do Bairro, ? - m. ? , ?)
Profissão: Médico

José Feliciano de Castilho
(n. Anadia, Tameingos, Agium, ? - m. ? , ?)
Profissão: Médico

António Feliciano de Castilho
(bap. Lisboa, Encarnação, 18.06.1875) - m. ? , ?
Profissão: Escritor e poeta
Títulos: Visconde de Castilho

Francisco Xavier Corveira
(n. Anadia, Tameingos (S. Pedro), 07.11.1725 - m. ? , 65.08.1793 ?)

José Xavier Corveira
(n. Anadia, Tameingos Agium, ? - m. ? , ?)
Profissão: Médico

José Xavier Corveira e Sousa
(n. Anadia, Mogolores, 27.11.1787 - m. ? , 18.06.1875)
Profissão: Bispo

António Xavier Corveira e Sousa
(bap. Anadia, Mogolores, 16.05.1795 - m. ? , ?)
Profissão: Opositor aos Lugares de Leiras
Observ.: Os padrinhos de baptismo foram a 3.ª esposa de Machado de Castro e o oganheiro Machado Corveira).

Custódio José da Fonseca
(n. Lisboa, Matfres, 11.09.1763 - m. ? , ?)
Profissão: Negociante

Maria Isabel da Fonseca e Corveira
(n. Lisboa, Matfres, 21.03.1769 - m. ? , ?)
Observ.: 2.º Casamento, Lisboa, Matfres, 06.02.1829, com José Maria d'Oliveira Nazarret

Maria José Pereira e Costa
(n. Anadia, Mogolores, ? - m. ? , 1842)

Frei Manoel (Corveira)

António Xavier Machado e Corveira
(n. Anadia, Tameingos (S. Pedro), 01.09.1766 - m. Lisboa, ? - m. ? , ?)
Profissão: Organheiro da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, Matfres, 15.09.1822

António Xavier Machado e Corveira
(n. Anadia, Tameingos (S. Pedro), 01.09.1766 - m. Lisboa, ? - m. ? , ?)
Profissão: Organheiro da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, Matfres, 15.09.1822

Anexo II

1 - Assento de Baptismo de Manuel Machado Teixeira (n. 1711.06.22)

Fonte: ADB/UM – Registos Paroquiais, Braga, Sé, Baptismos, Livro 1, fl. 228v.

«Aos vinte e cinco dias do mes de Junho de mil E sete Centos E onze annos eu o Padre Simaõ Vieyra Cura em esta Santa See em ella baptizey a **Manoel**, que nação aos vinte e dous dias do dito mes filho de Gonçalo Teixeira e de sua mulher Mariana Machada moradores na rua dos Conigos desta freguesia, foi padrinho o Padre Jozeph Vieyra morador no Campo da Vinha E foi Madrinha Madanella (sic) de Faria mulhér de Jacinto Coelho morador a porta do Souto foraõ testemunhas Jacinto Coelho da porta do Souto, E Joaõ da Costa da rua da [Conega] que aqui asinaraõ de que fis este asento que asiney era ut supra
O P.e Simaõ Vieyra Cura (assinatura)
O P.e Jozeph Vieyra (assinatura)
Hyacinto Coelho (assinatura)
Joaõ da Costa (assinatura)».

2 - Assento do 1.º Casamento de Manuel Machado Teixeira (1730.10.04)

Fonte: AUC – Registos Paroquiais, Coimbra, Sé Nova (fundo da), Casamentos, Livro 1, fl. 182-182v.

«Aos quatro de outubro de mil e sete centos e trinta corridos os Banhos e havida L.ca do Ill.º Rd.º D.or provizor deste Bispado não havendo impedimto Algu' canonico se Receberaõ em face da Igr.^a em minha prez.^a e das tes.tas abaixo nomeadas indo na forma do Sagrado Concilio Trident. e Constit. do Bispd.º **Manoel Machado Teixeyra** f.º de gon.lo Teixeyra e de sua m.er Mariana Machada na.l da Cid.e de Braga e m.or nesta Cid.e e **Thereza Angelica de Castro** f.^a de frº Roiz' e de sua m.er Mariana dos S.tos Taborda na.l desta freg.^a da S.ta See e em ella m.ores de q' tudo foraõ tes.tas q' prez.tes estavaõ Bernardo dos S.tos e d.os' [Domingos] de Souza desta mesma freg.^a e outras mais pessoas q' asistiraõ ao d.º Matrimonio e por verd.e fis este asento era ut supra

O Cura Jozeph de Campos (assinatura)».

Margem esquerda do fl. 182v.: «Braga / M.el Machado Teixr.^a / Cid.e / Thereza Angelica de Castro».

Margem superior do fl. 182v.: «Em 17 de Fever.^o de 1821 passamos Certidão p.^a o Ultramar a Joaquim Machado f.^o de M.el Machado – Sar.^a Albergr.^a Montr.^o»

3 - Assento de Baptismo de Joaquim Machado de Castro (b. 1731.06.27)

Fonte: AUC – Registos Paroquiais, Coimbra, Sé Nova (fundo da), Baptismos, Livro 3, fl. 176.

«Aos vinte e sete de Junho de mil e sete Centos e trinta e hu' @, baptizou o Rd.o Joseph fr.^o Capellão desta S.ta See em minha abz.ca a **Joachim** f.^o de M.el Machado, escultor na.l da freg.^a da See da Cid.e de Braga e de sua m.er Thereza Angelica, na.l desta freg.^a da See de Coimbra e nella mo.res na Rua de Sobre Ribas foi padr.^o o d.or An.to d' Andrada, Collegial de S. P.^o e Madrinha M.^a da Resoreição m.er de Bernardo dos Santos desta freg.^a e por verd.e fis este asento era ut supra

O Cura Joseph de Campos (*assinatura*)».

Margem direita: «Cid.e / Joaquim / Em 17 de Fevr.^o de 1821 passamos Certidão p. o Ultramar a Joaq.m Machado – Sar.^a Alberqr.^a Montr.^o».

4 - Assento do 2.^o Casamento de Manuel Machado Teixeira (1742.01.23)

Fonte: AUC – Registos Paroquiais, Coimbra, Sé Nova (fundo da), Casamentos, Livro 2, fl. 41

«Aos vinte e tres de Janr.^o de mil sete Centos e quarenta e dous @ corridos os Banhos não havendo impedimt.^o algu' Canonico se receberaõ Matrimonialm. te de minha L.ca em pres.ca do Rev.^o M.el Fran.co Afonso [? V.ra] **M.el Machado** V.^o q' ficou de Thereza Angelica sua 1.^a m.er e f.^o Leg.^o de Gon.lo

Teixeira e de M.na Machada na.l da Cid.e de Braga e **Thereza Angelica Roza** f.^a Leg.^a de An.to Serveira [valente] e de Dorothea da Silva na.l da freg.^a da Vacarica e todos m.ores nesta freg.^a da See a q' foraõ test.as prez.tes An.to Simois fr.^a e Jozeph Leitaõ e M.l Lopes Lobaõ todos desta freg.^a e outras mais pessoas q' prez.tes estavaõ de q' fis este as.^o dia e @ ut supta O Cura Joze de Campos (assinatura)».

Margem direita: «Braga / M.el Machado Teixr.^a / Vacarica / Thereza Angelica Roza / A 24 de 8br.^o de 1821 tirou cert.am D. Maria Perpetoa de Castro e Sz.^a / Albergr^a Mtr.^o»

5 - Assento do 3.^o Casamento de Manuel Machado Teixeira (1754.10.06)

Fonte: ADA – Registos Paroquiais, Anadia, Tamengos, Casamentos, Livro 3. fl. 57v.-58

«Aos seis diaz do mes de Outubro de mil e Sete Cento (sic.) e Simcoenta e quatro selebraraõ o Sacramento do matrimonio em minha prezença e das testemunhas no fim d'este asinadaz e de m.^{as} maiz na Capella de Nossa Sn.^{ra} do Ó do Lugar de Aguim com Licença do M. R. D.^f Provin. Deste Bisp.^o [?] **Manoel Machado Teyxeyra** veuvo q' ficou de Thereza Serveyra do Lugar de Mialhada da freguezia da Vacarica natural da Cidade de Braga com **Jozepha Serveyra** filha de Francysco Serveyra, e de Maria Serveyra do Lugar de Aguim os quais contrahentes foráo dizpensados por Bulla Ap.^{ca} em segundo e terceyro grao por huma parte e em terceyro e quarto tudo de afinidade por outra p.^{te} tudo na forma do Sagrado Conc. Trid.^o [Jstit. e Past:] deste Bisp.^o sem maiz algum impedim.to do q' os asima dispençados por Sn.^{ca} q' se me apresentou do mezmo sobred.^o Prellado foráo testemunhaz presentes o R. P.^e Cura desta freguezia Ant.^o Gomez de S. Joze e Manoel solteyro meu Criado e por verdade fiz este termo q' todoz asinamos dia mez e an.^o ut Supra O Prior Manoel Carv.^o [Curado] (*assinatura*)».

Margem esquerda do fl. 57v.: «Aguim e Braga / M.^{el} Machado Teyx.^{ra} e Jozepha Luiza Serv.^{ra}».

Margem esquerda do fl. 58: «[em 26 de febr.º] de 1821 [se passou] cert.am desta a req.to de [...] Machado [de Castro] »

6 - Assento de Baptismo de António Xavier Machado e Cerveira (n. 1756.09.01)

Fonte: ADA – Registos Paroquiais, Anadia, Tamengos, Baptismos, Livro 2, fl. 21v.

«Aos des diaz do mes de Setembro de mil e Sete Centos e Sincoenta e Seis annos bautizey a **Antonio** q' nasceu em o primeyro deste prezente mes filho de Manoel Machado Teyxeira e de Josepha Serveyra, elle natural da Cidade de Braga; e ella de Aguim. Netto paterno de Gonçalo Teyxeira de S. Romam da Carvalhoza Concelho de S. Crus junto à Villa de Amarante e de Mariana Machada de Miranda da Cidade de Braga, e materno de Francisco Serveyra e de Maria Serveyra de Aguim forao Padrinhos Frey Manoel Tio do Baptizado Irmaó de Sua May e N. Sn.^{ra} do Ó de Aguim. Forao testemunhaz prezentez o P.^e Luiz Fran.^{co} de Aguim e Fran.co Serveyra e por verd.^e fis este asento q' asiney dia, mez, e an.^o ut Supra

O Prior Manoel Carv.^o [Curado] (*assinatura*)

Fran.^{co} Cerv.^{ra} (*assinatura*)

O P. Luis Fr.^{co} (*assinatura*)».

Margem esquerda: «Aguim e Antonio»

7 - Assento de Óbito da 2.^a esposa de Machado de Castro (1776.04.07)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Madalena, Óbitos, Livro 1, fl. 42 (Rolo 1027).

«Aos sete diaz do mez de Abril do anno de mil e sete centos e setenta e seis sepultouse em S. Francisco da Cid.e D. **Roza Maria Joaquina** cazada com Joaquim Machado e Castro q' faleceo com os Sacramentos em seis do dº mez acompanhandoa â sepultura os seos Irmãos Terceiros e Religiozos com a cruz

e comunid.e desta freguezia em q' faleceo em a mesma Rua da Magdalena em q' assistia de q' fiz este assento dia e Era ut S.^a
O Cura Joze de Azevedo Alvaro (assinatura)».

8 - Assento do 3.º casamento de Machado de Castro (1776.04.07)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Casamentos, Livro 8, fl. 265v. (Rolo 1089).

«Aos treze dias do mes de Abril de mil sete centos e setenta e nove annos de tarde na Ermida do Ex.mo Marques de Marialva no citio de Marvilla em virtude de hu alvara de S. Em.^a com o qual facultava poderse fazer este Matrimonio na d.^a Ermida em minha prezença e das testem.as abacho assignadas, e de outras mais dando todos os papeis do estylo corr.te se cazaraõ por palavras de prez. te na forma do Concilio Tridentino, e Constituiçaõ do Patriarchado **Joaquim Machado de Castro** viuvo de Dona Roza Maria Joachina a qual faleceo na freg.^a da Magdalena desta cid.e e morador na Ladeira da Encarnaçaõ; e **Donna Barbora de Souza** viuva q' ficou de Joze Cardozo da Silva e moradora na freg.^a de S. Engracia onde enviuvou. Por testem.as prez.tes o Ex.mo Marques de Marialva D. Pedro Joze de Alcantara morador na Quinta da Praya, freg.^a de Nossa Snra da Ajuda; e o Ex.mo Conde de Villa Verde D. Joze de Noronha, morador na Junqueira na dita freg.^a que comigo assignaraõ.

O Prior [Thomaz Castello] (assinatura)

Marq' Estribeiro mor (assinatura)

Conde de Villa Verde (assinatura)».

Margem esquerda: «Joaq.m Machado de Castro com D. Anna Barbora de Souza / Passei Certidão em 22 de Agosto de 1820 / O Cura Ben.do Gomes».

9 - Assento de Baptismo de Diogo José de Castro e Sousa Machado, filho de Machado de Castro (n. 1781.03.00)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Baptismos, Livro 12, fl. 33v. (Rolo 1085).

«Aos quatro dias do Mes de Abril de mil sette centos outenta e hum annos nesta Parochial de Santa Engracia baptizei e pus os Santos (sic) a **Diogo** q' nasceo em Março proximo passado filho Legitimo de Joaquim Machado e de D. Anna Barbora moradores na Praça de Armas desta freg.^a de S. Engracia, e na mesma recebidos; Padr.^o o conde de Cantanhede D. Diogo Joze Vito de Menezes, Madrinha a Ex.ma D. Henriqueta m.^a Julia de Lorena Menezes por seo procur.or o Ex.mo D. Joze Thomaz de Menezes.
O Prior Thomaz Castillo (assinatura)».

Margem esquerda: «Diogo».

10 - Assento de Baptismo de José Xavier de Castro e Sousa Machado, filho de Machado de Castro (n. 1782.07.07)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Baptismos, Livro 12, fl. 73v. (Rolo 1085).

«No dia coatro do Mes de Agosto de mil setecentos e outenta, e dois annos, Baptizei, Solemnemt.e a **Joze** que nasceu no dia sete do precedente mes de Julho, f.^o de Joaquim Machado de Castro, e de sua molher D. Anna Barbora de Souza. Padrinho o Ex.mo Duque de Lafoens.
O Prior Encomd.^o Francisco Cardozo Monteiro (assinatura)».

Margem esquerda: «Joze / Fr. 120».

11 - Assento de Baptismo de Mariana Perpétua de Castro e Sousa Machado, filha de Machado de Castro (n. 1784.03.07)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Baptismos, Livro 12, fl. 140 (Rolo 1085).

«Aos vinte e hum dias do mes de Março de mil sete centos, e outenta e coatro annos nesta Parochial de Santa Engracia baptizei, e pus os santos oleos a **Marianna** que nasceu em sette do presente mes filha legitima de Joaquim Machado de Castro, e de Dona Anna Barbora de Sousa moradores no Cais dos

Soldados; foraõ recebidos nesta mesma freguezia: Padrinho o Sargento Mor Joze Teixeira: Madrinha Dona Mariana Catharina Peregrina Clara Teixeira da Conceiçaõ por seu procurador o Doutor Manoel Dantas Lima
O Prior Encomd.º Fran.co Cardozo Montrº (assinatura)».

Margem direita: «Mariana / Fr. 120 / Passei certidaõ em 22 de Agosto de 1820. O Cura Ben.do Gomes».

12 - Assento de Baptismo de Maria Benedita de Castro e Sousa Machado, filha de Machado de Castro (n. 1785.08.23)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Baptismos, Livro 12, fl. 207v. (Rolo 1085).

«Aos trinta dias do mes de Agosto de mil, sette centos e oitenta e cinco annos Baptizei, e pus os Santos Olleos a **Maria**, nascida aos vinte e tres dias deste mesmo mes, filha legitima de Joaquim Machado de Castro, baptizado na freg.^a da Sé de Coimbra, e de Donna Anna Barbara de Souza baptizada na freg.^a de S. Joze desta Cid.e, e recebidos nesta de S.ta Engracia; moradores no Cais dos Soldados. Padrinho Anselmo Joze da Cruz Sobral.

O Prior Encomd.º Bernardo Joze da Fonc^a [Coutt.] (assinatura)».

Margem esquerda: «Maria / F 120 / Passei certidaõ em 8 de Fev.ro de 1821. O Cura Ben.do Gomes».

13 - Assento de Óbito de Manuel Machado Teixeira (1787.05.24)

Fonte: AUC – Registos Paroquiais, Coimbra, Sé Nova (fundo da), Óbitos, Livro 6, fl. 63.

«No anno de mil sete centos oitenta e sete aos vinte quatro dias do mez de Mayo no Sitio de S. Francisco desta Freg.^a da Sé faleceo com todos os Sacram. tos **Manoel Machado** cazado com D. Benta Fez Testam.to, e foi sepultado na Igr.^a de S. Fran.co da Ponte. E p.^a constar fiz este assento, a' assignei dia mez, e año ut S.^a

O Cura Jozé de Moura».

Margem direita: «S. Fran.co / Mayo 24 / Manoel Machado. / Em 12 de 8br^o [1821] D. M.^a Perpetoa [Sz^a] e D M.^a Bend.^a tirou cer^{tam} Alberg.ra Montr.^o».

14 - Assento de Óbito da 3.^a esposa de Machado de Castro (1813.12.12)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Mártires, Óbitos, Livro 4, fl. 40 (Rolo 1031).

«Em 12 de Dezembro de 1813 faleceo [?] com a Extremunção **D. Anna Barbara de Sousa**, casada com Joaquim Machado de Castro de Edade 68¹⁴⁹ anos moradora no Palacio do Tizouro Velho e foi enterrada em o Convento de São Pedro de Alcantara de que fis este açento que asinei O P.^o Henrique José Correa (assinatura)».

Margem direita: «D. Ana Barbora de Sousa».

Margem esquerda: «19200».

15 - Assento de Casamento de António Xavier Machado e Cerveira (1822.09.15)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Mártires, Casamentos, Livro 3, fl. 97 (Rolo 1030).

«Em 15 dias do Mes de Setembro de 1822 de tarde em minha prezença e das testemunhas nomiadas e abaixo asinadas e com Alvara do D.or juiz dos [cas.] Manoel Pires de Azevedo Loureiro P.^{or} da Parroquial Igreja de Santo Andre Ministro da Relação à Curia Patriarchal e Juiz dos casamentos, pelo Ex.^{mo} Colegio interina.^e **Antonio Xavier Machado e Cerveira** de idade de cecenta e seis annos, filho legitimo de Manoel Machado Teixeira e de Josepha Luiza Cerveira ja defuntos baptizado na freguesia de São Pedro¹⁵⁰ Bispado de Coimbra, e morador nesta de N.^a Snr.^a dos Martyres, com **D. Maria Isabel da**

149 Ana Bárbara nasceu em 14 de Fevereiro de 1743, por isso tem 70 anos e não 68.

150 Neste caso, S. Pedro é o orago da freguesia de Tamengos, concelho da Anadia.

fonseca, filha legitima de Custodio Joze da fonçeca e de D. Marianna Vitoria baptizada e moradora nesta de N. Snr.^a dos Martyres forão testemunhas presentes seus Pais e João Henriques de Azevedo, e Joze Monteiro de Oliveira que todos comigo asinarão dia ut Supra.

O P.^o Henrique Joze Correa (*assinatura*).

João Henrique d'Azevedo (*assinatura*)

Joze M.^a de Olivr.^a Nazareth (*assinatura*)

Ant.^o X.er Machado e Cerveira (*assinatura*)

Custodio Jozé da Fonseca (*assinatura*)

D. Maria Izabel da Fonseca (*assinatura*)

Marianna Victoria da fonseca (*assinatura*)».

Margem direita: «Antonio Xavier Machado e Cerveira / D. Maria Isabel».

16 - Assento de Óbito de Joaquim Machado de Castro (1822.11.17¹⁵¹)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Mártires, Óbitos, Livro 4, fl. 69 (Rolo 1031).

«Em 18 de Novembro de 1822 faleceu **Joaquim Machado** Veuvo de D. Anna Barbara de Sousa e foi sepultado nos covais desta Igreja de que fis este assento que asinei dia et supra.

O P.^o Henrique José Correa (*assinatura*)».

Margem direita: «30000».

Margem esquerda: «Joaquim Machado de Castro Veuvo».

17 - Assento de Óbito de José Xavier Machado de Castro, filho de Joaquim Machado de Castro (1824.01.24)

151 O dia 18 de Novembro será talvez o dia do enterramento porque o testamento que deixou foi aberto em 17.11.1822. O testamento, feito no tabelião Joaquim Simpliciano Xavier de Brito, em 04.11.1816, está anexo ao inventário: PT/TT – CASA DA SUPPLICAÇÃO / FEITOS FINDOS / INVENTÁRIOS – Letra J, Maço 351, Cx. 2055.

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Lisboa, Mártires, Óbitos, Livro 5, fl. 73 (Rolo 1031).

«Em vinte e quatro dias do mes de Janeiro de mil oito centos e vinte e quatro faleceu **Jose Xavier Maxado de Castro** solteiro, filho legitimo de Joaquim Maxado de Castro, e foi cepultado em os covais de São Pedro de Alcantara de que fis este acento.

O P.º Henrique José Correa (assinatura).»

18 - Assento de Óbito de António Xavier Machado e Cerveira (1828.09.14)

Fonte: PT/TT – Registos Paroquiais, Oeiras, N.ª Sr.ª da Purificação, Óbitos, Livro 8, fl. 35v. (Rolo 1378).

«Aos quatorze de Setembro de mil oito Centos e vinte oito no lugar de Cachias desta freguezia de Nossa Senhora da Purificação da Villa de Oeiras falleceo **Antonio Xavier Machado e Cerveira** cazado com D. Maria Izabel da Fonceca e Cerveira falesceo sem sacramentos de huma apoplecia foi sepultado no Real Mosteiro de S. Jeronimo em Belem e enterrado em caichão.

Recebeu a santa unção.

O Prior Antonio Francisco de Carvalho (*assinatura*).»

Margem esquerda: «Antonio Xavier Machado e Cerveira»

Anexo III

Catálogo provisório dos órgãos construídos por António Xavier Machado e Cerveira.

DATA	N.º DO ÓRGÃO	LOCAL ONDE SE ENCONTRA OU SE CONHECEU	N.º TOTAL	FONTES
1781	N.º [1]	Lisboa – Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém (órgão desaparecido, assinado pelo pai de Cerveira).	1	B
1784	N.º [2]	Lisboa – Igreja de S. Roque (órgão proveniente da Ermida de S. Pedro de Alcântara).	2	A, C
1785	N.º 3	Lisboa – Basílica de N. Sra. dos Mártires (coro alto).	3	A, C, E
1787	N.º 16	Lisboa/Mafra – Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª do Livramento, freguesia da Azueira.	4	C, G
1788	N.º 17	Viseu/São Pedro do Sul – Igreja do Convento de S. José (coro alto, lado do Evangelho).	5	A, C, E
1788	N.º 19	Setúbal – Igreja de S. Julião.	6	C
1788	N.º 22	Açores/Ilha Terceira – Convento de S. Francisco em Angra do Heroísmo.	7	C, G
1789	N.º 23	Lisboa – Basílica da Estrela (coro alto).	8	A, C
1789	N.º 24	Faro/Loulé – Igreja Paroquial de Boliqueime.	9	C
1789	S. N.º	Lisboa – Mosteiro dos Jerónimos, em Belém (órgão desaparecido - Encomenda do Pernambuco).	10	B
1790	N.º 25	Santarém/Abrantes – Igreja de S. Vicente (capela-mor).	11	A, C
1790	N.º 27	Lisboa – Duques de Palmela.	12	C
1790	N.º 29	Açores/Ilha de São Jorge – Igreja Matriz da Calheta (coro alto).	13	A, C, D, E, G
1791	N.º 32	Lisboa – Basílica da Estrela (órgão positivo – nave lateral, lado da epístola).	14	A, C, D, E
1791	S/N.º	Alcácer do Sal – Igreja de S. Tiago.	15	C
1792	N.º 36	Lisboa – Igreja das Chagas (coro alto, lado Evangelho).	16	A, C, E
1792	N.º 37	Lisboa – Capela do Palácio da Bemposta (capela-mor, lado do Evangelho).	17	A, C, E
1793	N.º 38	Açores/Ilha Graciosa – Igreja de São Mateus (coro alto).	18	C, D, E, G
1793	N.º 40	Açores/Ilha Terceira – Igreja Matriz da Praia da Vitória (nave, lado da epístola).	19	A, C, D, E, G
1794	S/N.º	Setúbal – Igreja de N.ª Sr.ª da Consolação, na Arrentela (coro alto).	20	A, E, F

DATA	N.º DO ÓRGÃO	LOCAL ONDE SE ENCONTRA OU SE CONHECEU	N.º TOTAL	FONTES
1795	N.º 46	Coimbra/Cantanhede – Igreja Paroquial de Covões.	21	C
1795	N.º 47	Coimbra/Penacova – Igreja do Mosteiro de Lorvão (tribuna).	22	A, C, E
1796 ¹	S/N.º	Coimbra/Miranda do Corvo – Igreja do Convento de Santa Maria de Semide (coro alto)	23	A, C, E
1797	N.º 53	Viseu – S. Casa da Misericórdia.	24	C
1798	N.º 56	Açores/Ilha Terceira – Igreja do Colégio em Angra do Heroísmo.	25	A, E, G
1798	S/N.º	Lisboa/Odivelas – Museu do Instituto de Odivelas, antiga casa do capítulo do Mosteiro de D. Dinis.	26	A, B, E,
1801	N.º 61	Lisboa/Mafra – Igreja Matriz do Gradil.	27	C
1803	S/N.º	Santarém/Coruche – Igreja da Misericórdia.	28	A
1804	N.º 66	Açores/Ilha do Pico – Igreja Matriz das Lajes (nave, lado do Evangelho).	29	A, C, D, E, G
1804	N.º 68	Leiria/Sertã – Seminário das Missões de Cernache do Bomjardim.	30	C, F
1806	N.º 72	Lisboa – Igreja de N. Sra. do Socorro (coro alto).	31	A, C, E
1806 (04/Out.)	Obra especial	Lisboa/Mafra – Basílica, órgão “Sacramento” (cruzeiro, junto à capela do Sacramento).	32	A, D, E
1807 (13/Jun.)	Obra especial	Lisboa/Mafra – Basílica, órgão “Conceição” (cruzeiro, junto à capela de N.ª Sr.ª da Conceição).	33	A, E
1807 (04/Out.)	Obra especial	Lisboa/Mafra – Basílica, órgão do Evangelho (capela-mor).	34	A, D, E
1808	N.º 75	Évora/Borba – Igreja Paroquial de S. Bartolomeu.	35	C
1814	N.º 78	Açores/Ilha do Faial – Igreja Matriz da Horta (coro alto).	36	A, C, E, G
1815	N.º 81	Açores/Ilha Terceira – Igreja da Conceição (Santuário), em Angra do Heroísmo.	37	C, D, G
1816	N.º 82	Lisboa/Alenquer – Igreja de S. Quitéria de Meca (coro alto).	38	A, C, E
1817	N.º 83	Lisboa – Igreja do Santíssimo Sacramento (coro alto, lado do Evangelho).	39	A, C, E
1817	N.º 84	Santarém – Igreja de S. Maria de Marvila (coro alto).	40	A, C, E
1818	N.º 85	Santarém – Igreja de S. Nicolau.	41	C

¹ Segundo o mestre organeiro Dinarte Machado, trata-se de um órgão da escola de Cerveira, mas não da sua autoria.

DATA	N.º DO ÓRGÃO	LOCAL ONDE SE ENCONTRA OU SE CONHECEU	N.º TOTAL	FONTES
1818	N.º 87	Santarém – Igreja da Misericórdia.	42	A, C, E
1819	N.º 89	Évora/Borba – Igreja Matriz.	43	A, C, E
1819	N.º 90	Évora/Borba – N.ª Sr.ª das Neves.	44	C
1821	N.º 94	Açores/Ilha de S. Miguel – Igreja Matriz das Capelas.	45	C, G
1822	N.º [95]	Lisboa – Paróquia de Santa Justa e Rufina (igreja de S. Domingos - órgão desaparecido).	46	B, H
1822	N.º 96	Lisboa – Igreja de N. Sra. da Vitória (coro alto, lado do Evangelho).	47	A, C, E
1825	N.º 97	Santarém/Salvaterra de Magos – Igreja Matriz (coro alto).	48	A, C, E
1826	N.º 98	Lisboa – Igreja de N. Sra. da Encarnação.	49	A, C
1826	N.º 100	Açores/Ilha de S. Miguel – Igreja Paroquial dos Fenais da Luz.	50	C, G
1827	N.º 101	Santarém/Constância – Igreja de N. Sra. dos Mártires (coro alto, lado do Evangelho).	51	A, C, D, E
1828	N.º 102	Açores/Ilha de S. Miguel – Igreja Matriz de Ponta Delgada (coro alto).	52	C, D, E, G
1828	N.º 103	Lisboa – Seminário dos Olivais (órgão construído para a Igreja de S. Sebastião da Pedreira).	53	C
1828	N.º 104	Açores/Ilha de S. Miguel – Igreja de S. André (Museu Carlos Machado) em Ponta Delgada.	54	C, G
1828	N.º 104	Açores/Ilha Terceira – Igreja da Misericórdia Angra do Heroísmo.	55	A, C, D, G
S.d.	S. N.º	Açores/Ilha Graciosa – Igreja Matriz de Santa Cruz.	56	A, G
S.d.	S. N.º	Lisboa – Palácio de Queluz.	57	B
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja de N.ª Sr.ª da Ajuda/Boa-Hora (coro alto, lado do Evangelho).	58	A, C, E
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja dos Anjos (coro alto, lado do Evangelho).	59	A, C, E
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja de Santiago (coro alto, lado do Evangelho).	60	B, E
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja de São Lourenço.	61	B
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja de Santa Isabel (órgão desaparecido).	62	B
S.d.	S. N.º	Lisboa – Igreja de Santos-o-Velho.	63	C
S.d.	S. N.º	Leiria – Santuário de N.ª Sr.ª da Nazaré.	64	A, C
S.d.	S. N.º	Santarém – Igreja de Santa Maria da Alcáçova.	65	C
S.d.	S. N.º	Setúbal/Barreiro – Igreja do Lavradio.	66	B
S.d.	S. N.º	Setúbal/Barreiro – Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário.	67	A

FONTES:

A

Meloteca – Sítio da Música e Artes, dirigido pelo Dr. António José Ferreira: <http://www.meloteca.com> (consultado em 28.04.2007).

B

“Machado e Cerveira (Antonio Xavier)” in VIEIRA, Ernesto. Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes – Historia e Bibliographia da Musica em Portugal, Lisboa, Lambertini, 1900, Vol. II, pp. 52-55.

C

SIMÕES, António. “António Xavier Machado e Cerveira e a sua influência na organaria portuguesa, da 2.^a metade de século XVIII” in Ars Lusitana Organo (Dezembro de 1996). Revista digital alojada no site da APAO (Associação Portuguesa dos Amigos do Órgão): <http://www.apao.web.pt/noticias/revistas.htm> (consultado em 28.04.2007).

D

Lista dos restauros efectuados pelo mestre Dinarte Machado: <http://www.meloteca.com> (consultado em 26.05.2007).

E

Órgãos Históricos de Portugal: http://orgaos-portugal.net/orgaos_historicos.htm (consultado em 26.05.2007)

F

Oficina e Escola de Organaria Lda., Esmoriz : <http://www.meloteca.com> (consultado em 26.05.2007)

G

MACHADO, Dinarte. Catálogo dos órgãos dos Açores.

H

LAMBERTINI, Michel'angelo. A Arte Musical, Anno IX, Lisboa, Typ. Annuário Commercial, 1907, p. 166.